O DESENCARNE

entre o adormecer e a eternidade



Alexandre Mol

Alexandre Mol

O DESENCARNE

entre o adormecer e a eternidade



EtHos EDITORA
Divinópolis | MG | 2015



Copyright 2015 © Alexandre Mol. - Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução desta obra, em seu todo ou em parte, por qualquer meio, sem a prévia autorização do autor.

Projeto Editorial: *Ethos Editora*

Produção Epub: *Bruno Figueiredo*

Catalogação-na-publicação (CIP) - Brasil

133.9013 - Mol, Alexandre

M717d - O desencarne : entre o adormecer e a eternidade / Alexandre Mol. 1. ed. Divinópolis : Ethos Editora, 2015. 200p.

Contém dados bibliográficos da autor

ISBNe: 978-85-68476-05-5

1.Parapsicologia. 2. Espiritismo. 3. Reencarnação. 4. Morte. 5. Vida espiritual. 6. Suícidio. I. Título.

CDD 133.9013

Divinópolis - 2015

Ethos Editora

“Cultiva com carinho o teu espírito. Mas não cuides simplesmente de ser culto, senão também de ser bom. A cultura poderá dar-te a glória dos homens, mas só a bondade poderá conferir-te a glória de Deus.”

Rubens Romanelli

Para meu pai, Maninho.

INTRODUÇÃO

Caro leitor,

A intenção de escrever este livro surgiu depois de reflexões sobre o acontecimento da morte. Diversos amigos sempre me abordam para emitir opinião, como espírita, em velórios ou em situações em que se envolva a morte de alguém. Não que os espíritas saibam tudo, mas, inegavelmente, em diversos aspectos no campo do conhecimento, a Filosofia Espírita é, de fato, esclarecedora.

Diante da observação em velório em que me fazia presente, notei mais um daqueles quadros costumeiros: de um lado, a família e os amigos mais próximos se encontravam, na sua maioria, quase à beira do desespero; de outro, alguns presentes lá estavam mais por um compromisso social do que necessariamente em postura fraternal. Tive, então, o que considero uma intuição.

Nas páginas que se seguem iremos expor, brevemente, a visão da morte segundo a Doutrina Espírita, ou, como preferimos dizer, o processo de desencarnação.

Não temos o intuito – e muito menos a pretensão – de fazer um trabalho completo e detalhado, algo muito bem discutido nos tratados originais de Allan Kardec ou nas obras complementares de Francisco Cândido Xavier e de outros autores.

Iremos, não obstante, fazer um sumário acerca de como o Espiritismo aborda a questão da morte do corpo físico e a passagem para o plano espiritual, além de outras questões correlacionadas.

Peço aos amigos espirituais que me conduzam neste objetivo, que é o de esclarecimento, compreensão e consolação dos que sofrem com a perda de entes queridos e do nosso preparo para o inevitável momento da transição.

PREFÁCIO

Jesus, o sublime consolador, nos ensinou no sermão da montanha: “Bem aventurados os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5:4). Quase dois mil anos depois, o outro consolador, prometido por Jesus, explica que o consolo é a compreensão das causas e das finalidades do sofrimento. Explica que o sofrimento pode significar para o espírito que o vivencia, uma grande oportunidade de evolução espiritual, isto é, uma evolução da inteligência, da sensibilidade e consequentemente da moral.

A morte tem sido motivo de aflição ao longo da história. Principalmente em nossa época, quando o capitalismo e o materialismo se unem ao imediatismo e ao individualismo exagerado. Para estas ideologias, a morte inevitável do corpo físico significa a perda total e o fim absoluto. Muitos tentam de todas as formas, gastando fortunas, manter a aparência e a juventude por meios artificiais, e outros ainda, tentam enganá-la por meio da criogenia (congelamento do corpo – relembrando a mumificação dos antigos faraós egípcios) acreditando que a ciência um dia poderia ressuscitá-los.

Para a aflição provocada pelo fenômeno da morte este livro é consolador, pois, explica de maneira compreensível as causas, a mecânica e as finalidades deste fenômeno.

É consolador porque a explicando, ele nos retira da escuridão, do desconhecimento e nos leva a luz da compreensão.

É consolador porque mostra o que acontece antes, durante e depois do fenômeno, para que nos preparemos para este fato inevitável da vida.

É consolador também, porque lembra que não existe “adeus” e sim um “até mais”, que de fato há uma separação dimensional, mas haverá, com certeza, um reencontro.

É consolador, finalmente, porque demonstra de maneira lógica, filosófica e científica a beleza e a perfeição das leis divinas que coordenam a ordem de toda vida e de todo o cosmos.

O amigo Alexandre Mol conduz seus leitores, na obra que se segue, por meio de seus capítulos, a mais de 150 anos de conhecimentos e estudos a respeito da morte, acumuladas pelo Espiritismo, compilados por estudiosos encarnados e desencarnados, que são sintetizados por uma linguagem simples, direta, acessível e atual.

Fazemos uma prece de agradecimento e um pedido aos amigos espirituais para que este livro chegue a todos os aflitos, para que estes possam ser consolados.

Fevereiro de 2015

Jomar Teodoro Gontijo

Presidente GEEC

Sumário

Capítulo 1
O MEDO DA MORTE

Capítulo 2
O QUE É A MORTE?

Capítulo 3
O CORPO ESPIRITUAL

Capítulo 4
O MUNDO ESPIRITUAL

Capítulo 5
A GRANDE ESCOLA

Capítulo 6
AÇÃO E REAÇÃO

Capítulo 7
DESLIGAMENTO

Capítulo 8
A VOLTA AO MUNDO ESPIRITUAL

Capítulo 9
NO LIMIAR DA MORTE

Capítulo 10
EUTANÁSIA

Capítulo 11
MORTE DE CRIANÇAS

Capítulo 12
SUICÍDIO

Capítulo 13
ABORTO

Capítulo 14
VELÓRIO

Capítulo 15
CREMAÇÃO

Capítulo 16
COMO PODEMOS AJUDAR ÀQUELES QUE PARTIRAM?

Capítulo 17
REENCARNAÇÃO

Capítulo 18
A SÍNTESE DIVINA

Capítulo 1

O MEDO DA MORTE





Inegavelmente. a maioria das pessoas tem medo da morte. São vários aspectos que geram receios e incertezas. Um deles é o instinto de conservação.

O espírito, na trajetória evolutiva, traz consigo heranças dos reinos inferiores da natureza. Uma delas é o instinto de conservação ou de autopreservação. É latente no ser humano esse instinto. Ele faz parte das leis naturais e nos compele a nos mantermos vivos e a lutarmos com todas as nossas forças para nos preservarmos assim, mesmo diante de quadros como os de doenças dolorosas ou de tragédias diversas.

Nessas circunstâncias, o medo funciona como mecanismo de preservação e de defesa da vida. No entanto, esse desejo inconsciente de viver a todo custo pode gerar, em muitas circunstâncias, a dificuldade de aceitarmos a morte.

Quando o ser humano se intelectualiza e cresce espiritualmente, ele passa a dominar a própria natureza animal, domando os instintos e libertando-se deles de uma forma equilibrada e paulatina, sem perder, entretanto, o prazer e a vontade de viver e aceitando a morte de uma forma intuitiva e natural.

Outro aspecto que muito contribui para o medo da morte é o pavor do desconhecido. A ignorância sobre o assunto – em parte, herança de nossa cultura presa aos arcabouços simbólicos, ritualísticos e dogmáticos – colabora de maneira perversa nesse sentido.

Nossa herança cultural e religiosa, pela qual todos nós somos influenciados de alguma sorte, nos apresenta a morte de uma forma terrível. De um lado, a eternidade das penas do temível inferno, aonde vão os pecadores e dentro de algumas perspectivas todos nós os somos. De outro, o céu contemplativo e monótono, restrito às almas elevadas. Esta cultura

gerou a equivocada ideia da morte como algo ruim, punitivo ou destrutivo, tanto que a imagem simbólica que se nos apresenta e materializa a morte é daquela figura esquelética, assustadora, vestindo uma capa preta e segurando uma foice, esperando a hora de nos atacar. Isto retrata a estupidez do ser humano diante de um fenômeno tão natural – aliás, o mais natural impossível –, porque em todos os dias há pessoas nascendo e morrendo.

Outro fator que propicia as incertezas e o medo da morte – talvez, o de maior relevância – é o de natureza consciencial. Todos temos uma consciência, que é relativa ao nosso grau evolutivo. Ou seja, quanto mais nos desenvolvemos intelectualmente e moralmente, mais dilatamos esse campo consciencial. Esse perfeito mecanismo é o nosso tribunal, nossas experiências e ações, boas ou más, nele se mantêm nossos registros.

Muitos de nós, em nosso íntimo, ainda não estamos devidamente ajustados com as respectivas propostas de evolução e ainda temos dúvidas de nosso real aproveitamento reencarnatório, gerando incertezas como:

– O que tenho feito de útil de minha vida?

– O que tenho feito de bom para meu semelhante ou para mim mesmo?

– Se for chamado, agora, à presença da morte, estaria devidamente preparado?

Estas incertezas geram angústias e ansiedades inconscientes com relação ao futuro e, consequentemente, com relação à morte.

A educação – que é a arte de formar e exteriorizar os caracteres, de expressar, por intermédio dos sentimentos e das ações, os conhecimentos e as experiências vividas – é a forma mais segura de conhecer e encarar o fenômeno da morte.

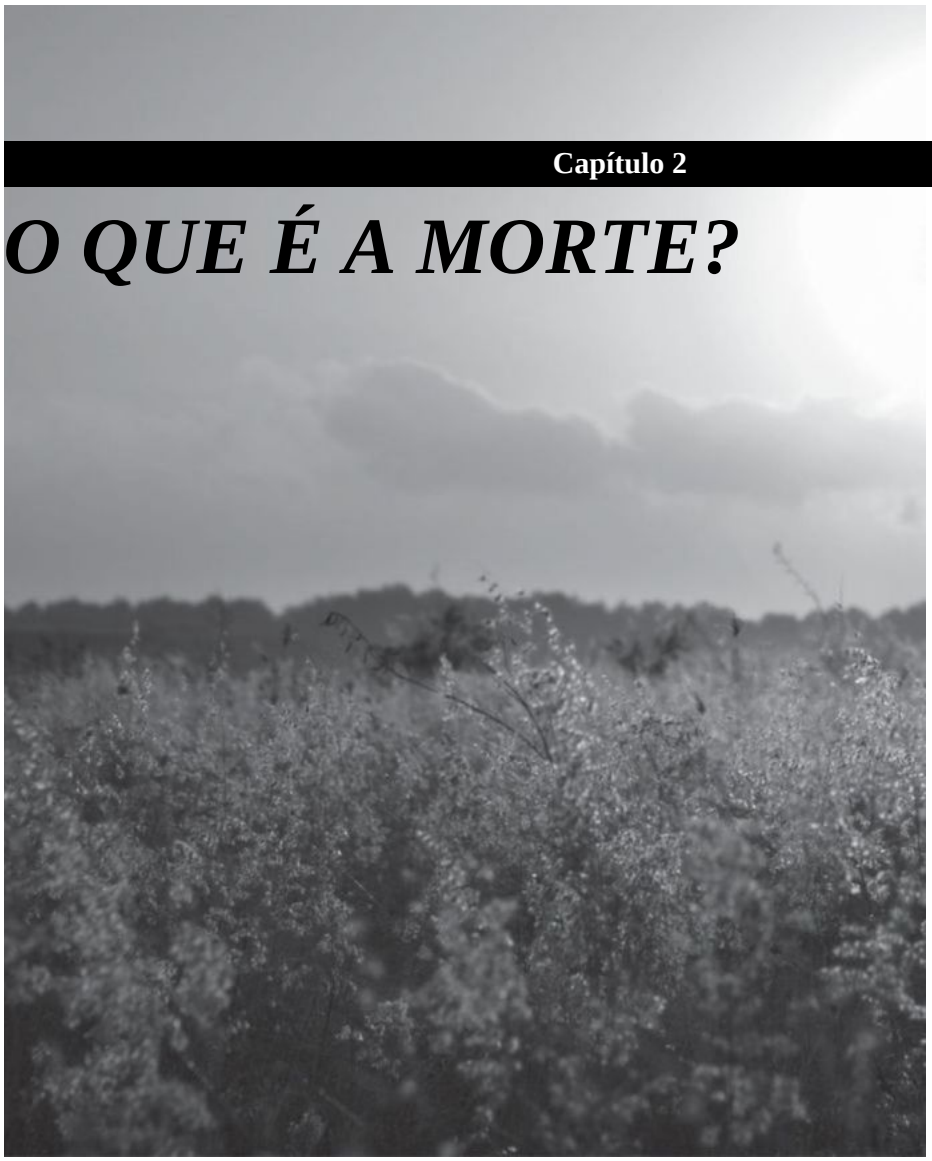
A convicção e a fé na vida futura – na imortalidade da alma – e a busca do conhecimento do assunto fartamente disponível na literatura espírita e

noutras filosofias e, principalmente, a consciência reta de nossas ações nos estimulam a perder o medo da morte, aceitando-a e compreendo-a como um fenômeno absolutamente simples e natural.

Quanto mais se caminha na linha evolutiva, mais convicções tem o ser humano da inexistência da morte.

Assim como a larva, metamorfoseando-se, deixa o casulo para a nova vida que se desenha na liberdade da borboleta, também o ser humano encarnado deixa os despojos para ganhar uma nova realidade: a de espírito imortal.

QUANTO
MAIS SE
CAMINHA
NA LINHA
EVOLUTIVA,
MAIS
CONVICÇÕES
TEM O SER
HUMANO DA
INEXISTÊNCIA
DA MORTE.



Capítulo 2

O QUE É A MORTE?



A morte existe?

Do ponto de vista material e biológico, sim, ela realmente existi, uma vez que o corpo físico é destruído na própria estrutura molecular, seja por doenças ou por acidentes. Essa destruição é nada mais que uma transformação química, uma vez que a estrutura atômica que constituía o corpo físico se desfaz, dissipando-se na natureza.

Porém, do ponto de vista espiritual, acreditamos que a morte não existe (os espíritas se referem ao fenômeno da morte como desencarnação).

A morte é uma transformação, a passagem de uma vida para outra, ou seja, da vida de encarnado para a vida de desencarnado.

Então, não há morte para o espírito e, sim, uma mudança de dimensão do plano físico para o plano espiritual.

O termo “desencarnar” sugere, exatamente, o processo e o momento em que o espírito deixa a carne, desenlaçando-se dela, para, então livre voltar à sua casa: a pátria espiritual.

Como disse o poeta Victor Hugo: “Morrer não é morrer, mas simplesmente mudar-se”.

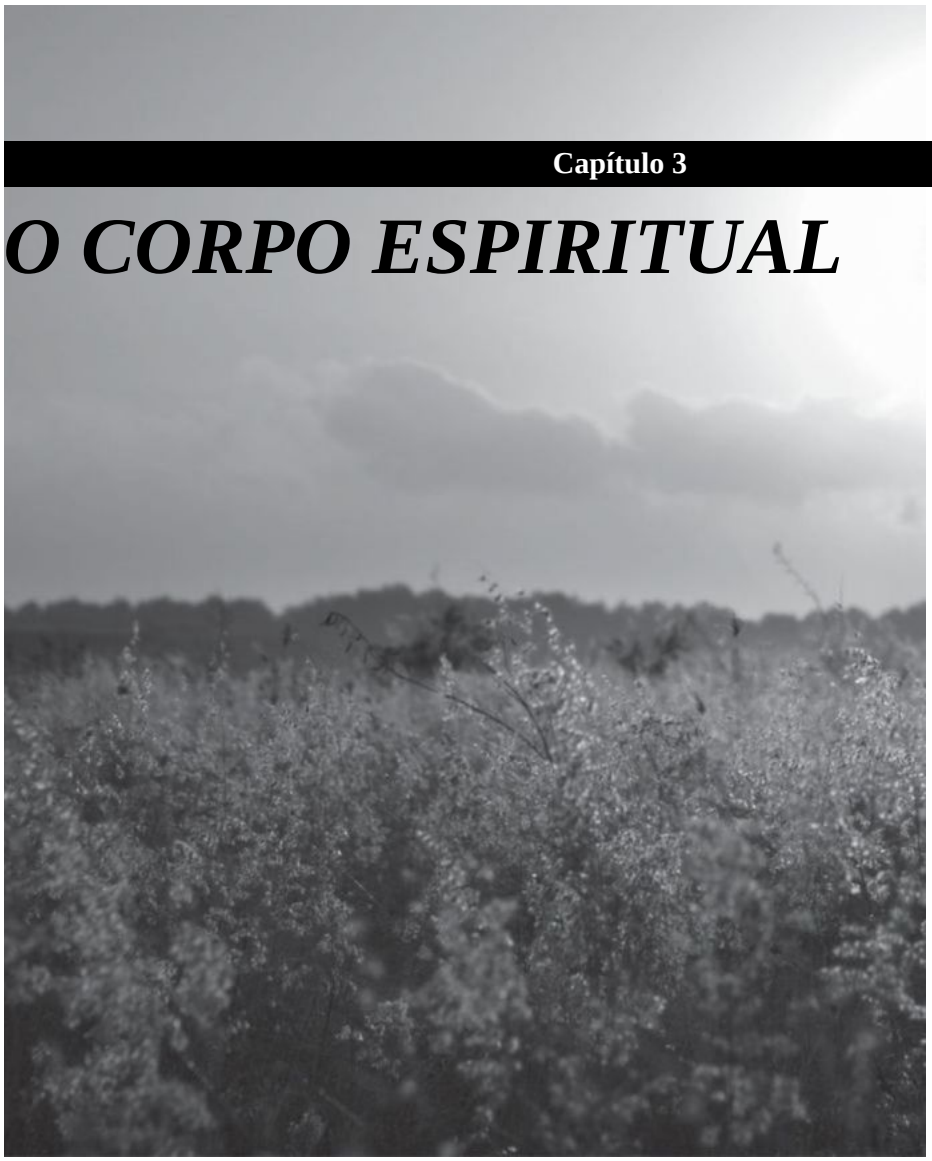
"MORRER NÃO

É MORRER, MAS

SIMPLESMENTE

MUDAR-SE"

VictorHugo



Capítulo 3

O CORPO ESPIRITUAL



Uma das maiores dificuldades em compreender o processo da morte é a de entender como o espírito, depois de deixar o corpo físico, se apresenta no outro lado. Alguns até sugerem, como no hipotético caso de Jesus, que ele teria subido aos céus de corpo e alma, o que, convenhamos, seria inusitado.

Porém, antes de mais nada precisamos compreender um instrumento, uma estrutura, um corpo, que chamamos de “Perispírito”.

Perispírito, etimologicamente, quer dizer a periferia (aquilo está em torno) do espírito. A Parapsicologia o identifica como “corpo bioplasmático”; os antigos egípcios o chamavam de “Ka”; alguns estudiosos o chamam de “corpo etéreo”; outros, de “corpo astral”.

O apóstolo Paulo ensina: “Semeia-se corpo material, ressuscita-se corpo espiritual (...). Se há corpo material, há, também, corpo espiritual.” (1)

É exatamente este corpo, constituído de uma matéria mais sutil e rarefeita, que vai acompanhar o espírito depois da morte.

Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos” (2) afirma: “O Perispírito é o laço que une o espírito à matéria do corpo”; em “A Gênese” (3), diz ainda: “O Perispírito é aquilo que faz do espírito um ser abstrato em um ser concreto”, ou seja, ele é a roupagem, o veículo de manifestação do espírito, o instrumento que o acompanha na entrada, ou melhor, na volta ao mundo espiritual, dando-lhe uma aparência muito semelhante àquela que apresentava quando estava encarnado.

O corpo espiritual é também objeto de estudo da Ciência há muito tempo. No início do século XX o fisiologista francês Charles Richet, fundador da Metapsíquica, estudou com apreço os fenômenos das materializações físicas e identificou o chamado ectoplasma, agente imponderável das materializações de espíritos. Gustave Geley pesquisou a

ação dessa substância. Scherenk-Notzing chegou a colher porções e submetê-las às análises histológicas em laboratórios de Berlim e Viena. Ochorowicz comprovou a realidade das materializações, apesar do ceticismo da comunidade científica. Na antiga União Soviética as famosas experiências científicas nos laboratórios da Universidade de Kirov – a visão antecipada dos corpos de luz, chamados de corpo bioplásmico, ainda impuros, porém radiantes –, foram vistos e fotografados pelos físicos, biólogos e cientistas russos. (4)

Quando, então, usamos a expressão desencarnar, sugerimos o processo em que o espírito rompe os laços perispirituais, popularmente chamados de cordões de prata, desligando-se da estrutura física que entrará em decomposição, para, enfim, libertar-se dela. Lembremo-nos, ainda, de que esse desligamento apenas acontece quando a origem da morte é física, ou seja, quando não é o espírito que decide abandonar o corpo, mas quando o corpo, que por doença ou acidente, entrou em colapso, não permitindo mais ao espírito a condição de nele se manifestar.

Um dos maiores exemplos da imortalidade da alma e da existência do perispírito é a do próprio Cristo, quando ele, depois de morto, se apresentou e se manifestou aos seus discípulos através do corpo espiritual, na conhecida ressurreição.

Outros tantos fenômenos semelhantes já foram registrados em todas as culturas e em todas as épocas, como, por exemplo, a transfiguração de Jesus no monte Tabor – permitindo a manifestação dos espíritos de Moisés e de Elias –, a aparição do anjo Gabriel à Maria, a aparição da Virgem de Fátima aos três pastores e muitas outras passagens bíblicas e históricas, que aconteceram graças à existência do corpo espiritual.

A morte nada mais é do que a troca de roupagem, a mudança de dimensão do espírito, no retorno dele ao mundo espiritual, para a

continuação da própria trajetória imortal.

Espiritualmente falando, nos diz o espírito de Emmanuel, guia do médium Chico Xavier: “Só existe um gênero temível de morte, a morte da consciência denegrida no mal, torturada de remorso ou paralítica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime. É chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação Eterna.” (5)

---

1 1 Coríntios 15, 44.

2 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 257.

3 A Gênese, Allan Kardec; capítulo XI, item 17.

4 O Espírito e o Tempo, José Herculano Pires; IV parte: Pesquisa Científica da Mediunidade.

5 Palavras de Vida Eterna, Chico Xavier, Emmanuel.

“SÓ EXISTE

UM GÊNERO

TEMÍVEL

DE MORTE,

A MORTE DA

CONSCIÊNCIA

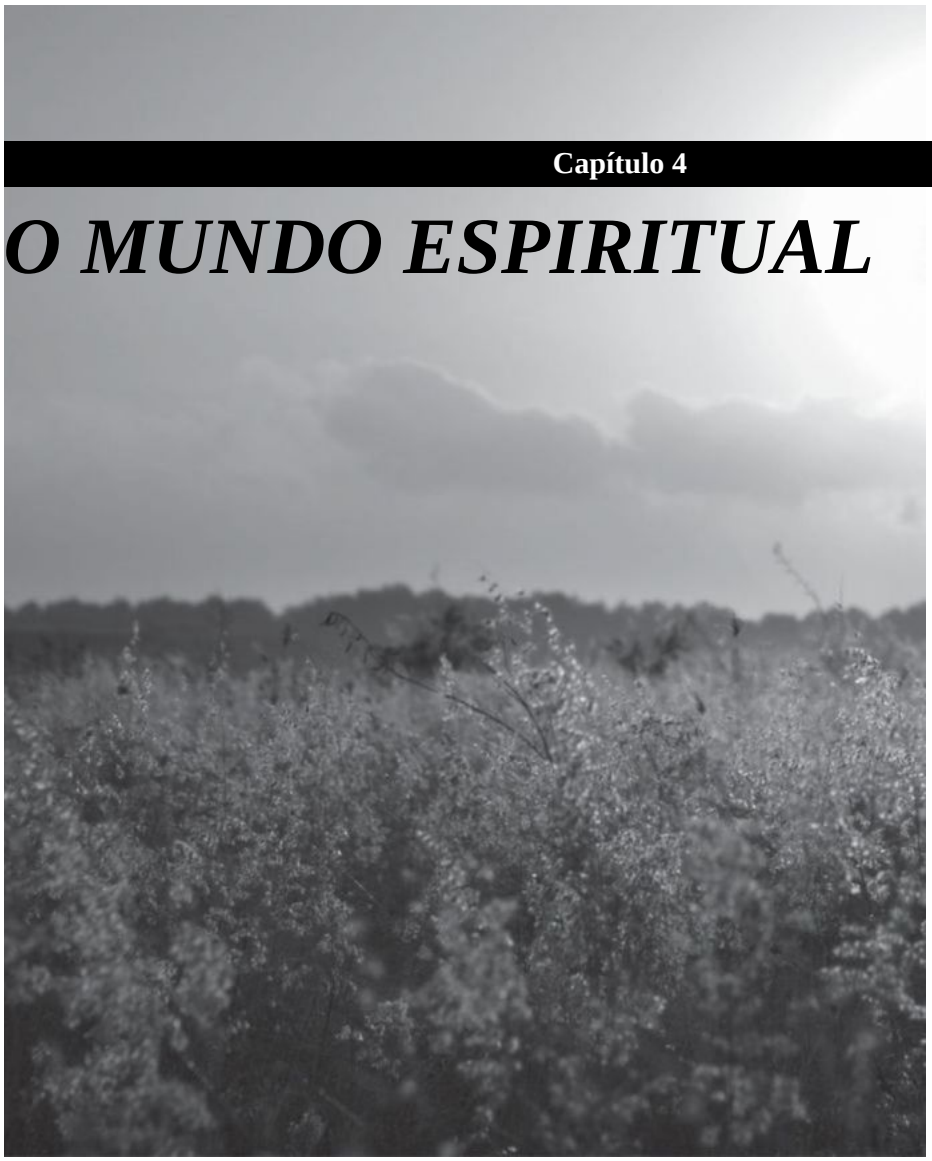
DENEGRIDA

NO MAL…”

Emmanuel

Capítulo 4

O MUNDO ESPIRITUAL





As religiões tradicionais conceituam o "Além-túmulo" como Céu ou como Inferno. Apenas mais tarde criaram o conceito de Purgatório.

Dependendo da natureza espiritual do homem, o bom vai para o Céu, o mau para o Inferno, e o mais ou menos para o Purgatório, que é o lugar temporário onde se permanece à espera do Juízo Final.

Já os ateus e materialistas dizem não existir nada além da matéria. Para eles não existem espíritos, não existe Deus e não existe o além; tudo acaba no instante da morte.

Respeitamos todas as tradições religiosas e concepções filosóficas. Porém, emitimos nossa opinião, buscando contextualizar esses ensinamentos à luz dos entendimentos propiciados pela revelação espírita. Segundo aprendemos, de fato existem regiões melhores ou piores no além e, também de fato, essas regiões são habitadas por espíritos afins, ou seja, a alma de um justo vai para os melhores lugares e a alma do injusto ou perverso habita lugares compatíveis com a respectiva natureza inferior. (6)

Podemos afirmar, didaticamente, que o mundo espiritual é semelhante a um castelo com vários andares. Sabemos que um castelo tem um portal de entrada, próximo ao nível do solo, as alas superiores, até as torres, onde habitavam os nobres, e os níveis inferiores, como os calabouços, lugares escuros, sujos e insalubres, em que ficavam os eventuais criminosos. Os planos espirituais mais próximos da crosta terrena são muito semelhantes a este exemplo.

Jesus também se refere a esses mundos quando afirma: “Há muitas moradas na Casa de meu Pai; se assim não fosse, eu já vos teria dito.” (7)

Na perspectiva espírita, meu Pai, evidentemente, é Deus; a Casa, o universo; as moradas são os diversos níveis de mundos: o mundo consciencial, o mundo físico e o mundo espiritual.

- O mundo consciencial é o nosso mundo íntimo e mental, é o campo energético em que se concentram os nossos pensamentos e sentimentos. Uns vivem momentos de alegria e paz interior; outros se encontram atormentados e infelizes; outros ainda, como a maioria, às vezes estão felizes, outras vezes estão infelizes.
- O mundo físico é aquele que habitamos quando estamos encarnados, como na crosta da Terra, as cidades e os campos. Existem pelo universo inúmeros mundos semelhantes.
- O mundo espiritual é aquele que está nas dimensões espirituais, sendo habitado temporariamente pelos espíritos entre uma e outra reencarnação; é a pátria espiritual.

Até então, o que se apresentava como místico, metafísico, surreal ou inconcebível de entendimento, toma uma nova perspectiva na análise espírita depois das obras codificadas por Allan Kardec e dos livros psicografados por Chico Xavier, em especial a coleção “A Vida no Mundo Espiritual”, de autoria do espírito de André Luiz.

Descortina-se o mundo espiritual mediante os relatos dos espíritos desencarnados, sejam através de comunicações mediúnicas ou até mesmo através de variados experimentos e pesquisas científicas, que veremos mais ao final deste livro.

Onde ficam os mundos espirituais?

Podemos dizer que dentro de outra estrutura ou realidade física, que pode ser denominada de colônia ou cidade espiritual. Nos planos

espirituais mais próximos à crosta terrestre há campos, cidades e até metrópoles que se assemelham aos lugares da nossa realidade física.

As cidades espirituais não estão soltas pelo espaço, mas presas aos campos que regem as forças de atração do nosso planeta, sejam forças de natureza gravitacional, electromagnética ou alguma outra interação ainda desconhecida pela Ciência atual.

Mesmo estando em dimensões diferentes, esses mundos são simultâneos e não estão dissociados uns dos outros. São como duas cidades em pontos extremos do mesmo país; elas têm características diferentes e estão geograficamente distantes umas das outras; no entanto, pertencem à mesma federação e, por isso, estão constantemente interconectadas.

São elas todas iguais?

Obviamente que não. Como dissemos anteriormente, são vários andares ou vários níveis. Cidades mais evoluídas, onde a qualidade de vida é melhor, são moradias de espíritos mais evoluídos. Há, também, cidades de qualidade mediana, habitadas por espíritos medianos; e cidades menos evoluídas, de qualidade de vida inferior, onde, obviamente, habitam espíritos inferiores. É uma simples questão de padrão vibratório e de sintonia.

Tomemos como exemplo a própria vida na Terra. Temos aqui cidades muito desenvolvidas em diversos aspectos e cidades muito precárias em quase todos os aspectos. O nível educacional, intelectual e espiritual dos habitantes está diretamente relacionado à condição de desenvolvimento social, material e tecnológico de determinada cidade ou coletividade.

Se essas cidades existem, por que não as vemos e não as tocamos?

Como dissemos, elas estão em dimensões diferentes da nossa realidade física, mas constituídas da mesma matéria elementar e primária, a qual Allan Kardec nominou de fluído cósmico universal e André Luiz chama de plasma divino. É uma matéria mais rarefeita e sutil e mais compatível com a natureza fluídica do nosso corpo espiritual. Sendo diferentes esses níveis materiais e não tendo a nossa mesma densidade física, não os vemos e não os tocamos. É por isso que um avião ou qualquer outro objeto não se colide com essas cidades.

Quando encarnado, o espírito está acoplado a uma estrutura física tridimensional, que o impossibilita de reconhecer e perceber outras dimensões pelos sentidos físicos comuns.

A Ciência, pelos métodos convencionais, por enquanto, está distante de comprovar a existência desses mundos. Não é mediante uma equação algébrica ou com o auxílio de um reagente químico que vamos provar a existência dos espíritos ou dos mundos espirituais. Inegavelmente, com o avanço científico e com o desenvolvimento tecnológico chegará o dia em que muito provavelmente poderemos comprová-los pelos métodos científicos. A própria História nos revela diversos episódios similares. Outrora, o que chegou a ser considerado pela Ciência como indiscutível ou irrefutável, tempos depois caiu em descrédito, e aquilo que chegou a ser considerado absurdo ou surreal, mais à frente foi consolidado. Assim, entre tentativas e erros caminha a Ciência e, ao lado dela, o bom senso, a razão e também o Espiritismo.

Como é a contagem de tempo? Existem dia e noite?

Sim, na condição evolutiva em que nos encontramos, temos a necessidade da temporalidade. As cidades espirituais, como estão presas ao mesmo campo gravitacional e no mesmo espaço cósmico do planeta, perfazem também os mesmos movimentos geofísicos, ou seja, rotação e translação. Portanto, existem dias e noites, que são exatamente como os nossos.

Já nas regiões mais etéreas, as moradias dos espíritos evoluídos são atemporais; o tempo e o espaço têm uma concepção diferente de nosso entendimento e de nossa realidade.

Como se alimentam os espíritos?

O corpo espiritual, acompanhante do espírito no retorno ao mundo espiritual, apesar da própria estrutura sutil, continua sendo matéria e, por isso, tem ainda necessidades de se nutrir. Porém, obviamente, essa nutrição não se dá em nível físico, conforme estamos acostumados.

Abandonando o corpo físico na desencarnação, alguns espíritos, adaptando-se à nova realidade, ainda fazem uso de uma alimentação semelhante àquela a que estava acostumado na Terra, porém, fluídica e rarefeita. Na medida em que vão se acostumando a se nutrirem das novas fontes energéticas, vão aos poucos, preterindo os alimentos tradicionais.

O ser humano encarnado, como sabemos, nutre-se não somente de alimentos orgânicos e plásticos, mas, também, da absorção de energias, mediante a respiração, por exemplo. Em nível espiritual, a troca energética semelhante à respiração é a forma mais comum de alimentação, sendo, porém, mais desenvolvida.

Em suma, quanto mais evoluído e enobrecido é o espírito desencarnado, mais sutil e poroso é o seu corpo espiritual, facilitando, assim, as trocas de elementos sutis, hauridos no reservatório da natureza, além é claro, da troca de energias entre os seres que se amam. (8)

Como se dá a comunicação entre os desencarnados?

Conforme a orientação do espírito de André Luiz (9), a comunicação depende do nível espiritual em que os desencarnados se encontram. Nos níveis mais próximos da crosta terrestre ainda se faz uso da linguagem articulada, como a que usamos no nosso cotidiano, incluindo os mesmos idiomas com os quais nos expressamos. Se desencarnamos no Brasil, evidentemente que vamos nos comunicar por intermédio do idioma português, e não pelo idioma árabe, francês ou inglês. Já nos níveis espirituais superiores, em planos de grande sublimação, os espíritos, sustentando elevados patrimônios morais e intelectuais, conseguem plasmar e expressar as próprias ideias através dos pensamentos e dos sentimentos, comunicação muito semelhante à telepatia, embrionariamente já experimentada por alguns de nós encarnados.

Podemos nos comunicar com os espíritos desencarnados?

Permanentemente estamos em contado com eles, seja através dos pensamentos, das intuições, das sugestões mentais, das percepções extrassensoriais, das sensações e das emoções. Enfim, existem variadas maneiras de nos conectarmos com os espíritos desencarnados.

As comunicações entre o mundo físico e o mundo espiritual estão na ordem natural das coisas e não são fatos sobrenaturais. Temos registros desses fenômenos entre todos os povos e em todas as épocas da Humanidade. Mesmo estando em outras dimensões materiais, o espaço cósmico ocupado no planeta é o mesmo e, por isso, os espíritos convivem conosco e podem nos influenciar, assim como nós também os influenciamos. Não podemos percebê-los pelos sentidos físicos comuns, mas podemos senti-los, vê-los e ouvi-los pelos sentidos extrassensoriais ou, melhor dizendo, espirituais.

No livro “O Espírito e o Tempo” (10), o pesquisador José Herculano Pires afirma: “A mente é um centro espiritual de controle e comunicação independente, que se manifesta quando encarnado pelo cérebro físico. Vivemos em constante permuta de ideias e sentimentos com pessoas do nosso convívio e com os espíritos desencarnados que se afinam conosco”.

Além desse convívio comum, permanente e natural, existe a chamada mediunidade ostensiva, que é um dom ou uma faculdade que algumas pessoas possuem mais acentuadamente para se comunicarem com o Além.

Os médiuns são pessoas dotadas de uma percepção extrassensorial mais aguçada ou mais desenvolvida (a palavra “médium” foi criada por Allan Kardec para designar as pessoas que possuem a capacidade de intermediarem as comunicações com o mundo invisível), porquanto são várias as formas de expressão dessa faculdade, a qual pode ser manifestada mediante a escrita (psicografia), a fala (psicofonia), a vidência, as curas, as sensações, as intuições, os dons artísticos e os efeitos físicos, dentre outros meios. Enfim, há muitas formas de interatividade com os chamados mortos.

Àqueles que se interessarem pelo assunto convidamos a lerem e estudarem “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, um excelente tratado através de pesquisas psicológicas sobre o tema Mediunidade.

Além do ser espiritual que somos, existe em nós o ser do corpo, que rege a nossa vida anímica e preserva o instinto de sobrevivência da espécie humana.

Qual é a aparência dos espíritos na outra dimensão?

Retornando ao mundo espiritual, nossa aparência será muito semelhante a que apresentamos antes da morte física.

Nosso corpo espiritual obedece aos nossos reflexos mentais mais comuns. À medida em que nos acostumamos à nova realidade e vamos nos adaptando aos novos elementos nutritivos e energéticos, evoluímos no sentido da leveza e da sutileza das formas. O espírito que se desencarnou na velhice poderá, com o tempo, rejuvenescer-se, assim como aquele que desencarnou na juventude poderá adquirir a madureza, se assim o desejar.

A nossa morfologia sexual, ou seja, aparência masculina ou feminina poderá continuar a mesma até uma outra reencarnação, salvo algumas exceções.

Vale ressaltar que os espíritos evoluídos em alto nível de inteligência e de moral, de acordo com a respectiva vontade, dominam a capacidade de alterar a estrutura do próprio corpo espiritual, tomando a forma e a aparência que lhes convêm. Isso se deve à plasticidade do corpo e à capacidade que esses espíritos evoluídos possuem de agirem sobre tais processos, devido ao desenvolvimento intelectual e espiritual acumulado ao longo de muitas e muitas reencarnações. (11)

Existe ato sexual no mundo espiritual?

Conforme nos sugerem os espíritos, o sexo, como o entendemos, é condição inerente e restrita aos encarnados. (12)

Os instintos de sobrevivência e de reprodução – o instinto sexual em si – são mecanismos biológicos que atendem às necessidades de prazer e de preservação da espécie humana, como acontece no reino animal.

No mundo espiritual – como já foi comentado – quase sempre os espíritos desencarnados mantêm a morfologia habitual, masculina ou feminina. No entanto, não há necessidade da relação sexual, uma vez que não se engravida e muito menos se reproduz no mundo dos espíritos. O sexo na espiritualidade tem outro enfoque: o das trocas energéticas através dos sentimentos mais nobres, como o amor, a simpatia, a fraternidade e as afinidades, que também geram prazer, sendo a máxima expressão da sexualidade.

Qual é a população do mundo espiritual?

Até onde sabemos, não existe um senso demográfico do mundo espiritual. No entanto, segundo sugerem alguns autores espirituais, a população do mundo espiritual é aproximadamente três vezes maior do que do plano físico, ou seja, na Terra, havendo uma população de sete bilhões de encarnados, existe algo em torno de vinte e um bilhões de espíritos desencarnados, perfazendo um total aproximado de vinte e oito bilhões de espíritos ligados de alguma sorte a este planeta. Todos eles encontram-se sob a orientação de uma falange de espíritos protetores e a tutela da maior autoridade espiritual do planeta: Jesus.

Assim como em qualquer cidade, estado ou país, essa população é flutuante. A todo instante estão saindo e chegando novos habitantes. Uns estão se transferindo para mundos mais evoluídos e outros tantos, para mundos mais atrasados, dependendo do mérito ou demérito de cada um. Além de alguns espíritos primitivos que vivenciam as primeiras experiências encarnatórias. (13)

---

6 O Céu e o Inferno, Allan Kardec.

7 João 14, 1-3.

8 Evolução em Dois Mundos, Chico Xavier, André Luiz, Waldo Vieira; Segunda parte: Alimentação dos Desencarnados.

9 Evolução em Dois Mundos, Chico Xavier, André Luiz, Waldo Vieira; Segunda parte: Linguagem dos Desencarnados.

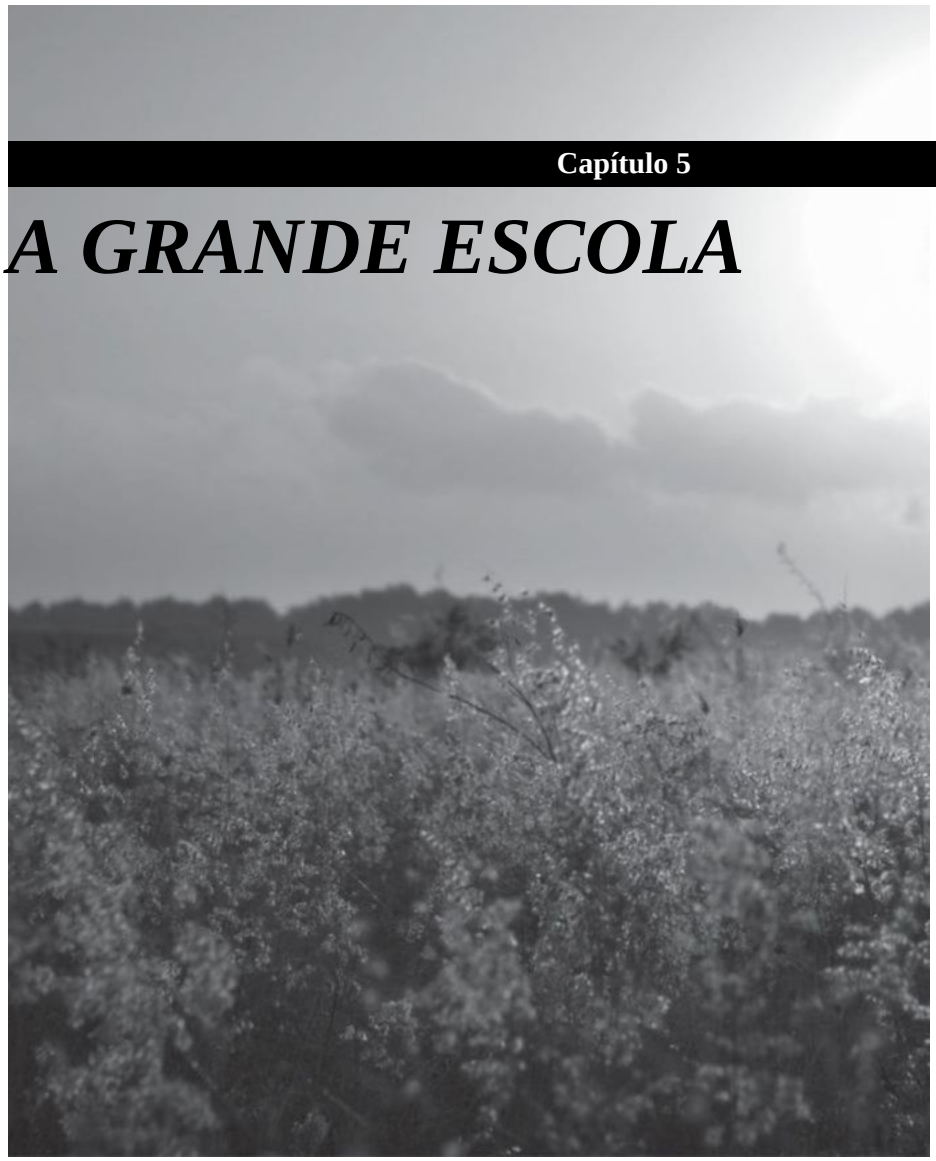
10 O Espírito e o Tempo, José Herculano Pires; IV parte: Antropologia Espírita.

11 Evolução em Dois Mundos, Chico Xavier, André Luiz, Waldo Vieira; Segunda parte: Linhas Morfológicas dos Desencarnados.

12 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 200.

13 A Gênese, Allan Kardec; capítulo XI, itens 35, 36 e 37.

A NOSSA
MORFOLOGIA
SEXUAL, OU
SEJA, APARÊNCIA
MASCULINA
OU FEMININA
PODERÁ
CONTINUAR
A MESMA ATÉ
UMA OUTRA
REENCARNAÇÃO.



Capítulo 5

A GRANDE ESCOLA



Qual a diferença entre os mundos físicos e os mundos espirituais?

Existem muitas diferenças. Fundamentalmente, quando desencarnado, o espírito se manifesta simplesmente através do perispírito; quando encarnado, o espírito, juntamente com o perispírito, está acoplado a um corpo físico, limitado pelos instintos e pelos cinco sentidos básicos.

Como também já abordado, nos mundos espirituais os espíritos se aglutinam pela frequência e pela densidade do corpo espiritual, pelos gostos, afinidades e sintonias mentais. Bons espíritos habitam determinadas regiões restritas, inacessíveis aos espíritos inferiores; espíritos medianos, regiões afins; e os espíritos inferiores se reúnem noutras. Cada agrupamento dentro de uma faixa exclusiva.

Já na Terra, os espíritos, por uma necessidade evolutiva, estão de certa forma juntos e misturados: “A terra é a grande escola das almas, em que se educam alunos de todas as idades” (14). Por isso é comum vermos espíritos primitivos, vivenciando as primeiras experiências reencarnatórias, ao lado de espíritos medianamente desenvolvidos e ainda outros poucos bastante evoluídos. Essa diversidade e interatividade contribui de maneira significativa para a evolução de todos, mas pode também gerar desconfortos e atritos: “A inexperiência e a ignorância dos corações que se iniciam na luta fazem, frequentemente, grande algazarra em torno do espírito que procura a evolução”. (15)

Muitas vezes nos inquietamos com alguns companheiros pouco educados ou pouco espiritualizados, que promovem grande desordem social. Porém – como já foi salientado –, tudo faz parte da grande mecânica da evolução humana. “É necessário aprendermos a viver com todos, ajudando, para que sejamos ajudados, e o amor nos fará viver, prestimosos e otimistas,

no clima luminoso em que a luta e o trabalho são bênçãos de esperança”. (16)

Somente depois de dominarmos nossos instintos e nossa natureza animal, prioritariamente mediante os relacionamentos familiares e sociais, é que não mais precisaremos desses processos de reencarnação. Por enquanto, estamos muito distantes disso.

Vale ainda salientar que os processos de evolução continuam no Além-túmulo, embora dentro de outras perspectivas.

No mundo espiritual o espírito progride igualmente, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra e ampliando e aperfeiçoando as ideias. “O estado corporal e o estado espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, solidários entre si; eis porque o espírito passa alternadamente pelos dois modos de existência”. (17)

No mundo espiritual passamos por um processo de reciclagem, reeducação e treinamento, para, no momento justo e oportuno, voltarmos à luta na grande escola terrestre.

---

14 Fonte Viva, Chico Xavier, Emmanuel; lição 152.

15 Fonte Viva, Chico Xavier, Emmanuel; lição 152.

16 Fonte Viva, Chico Xavier, Emmanuel; lição 158.

17 O Céu e o Inferno, Allan Kardec; Parte 1, capítulo 3, item 10.

NO MUNDO

ESPIRITUAL

PASSAMOS

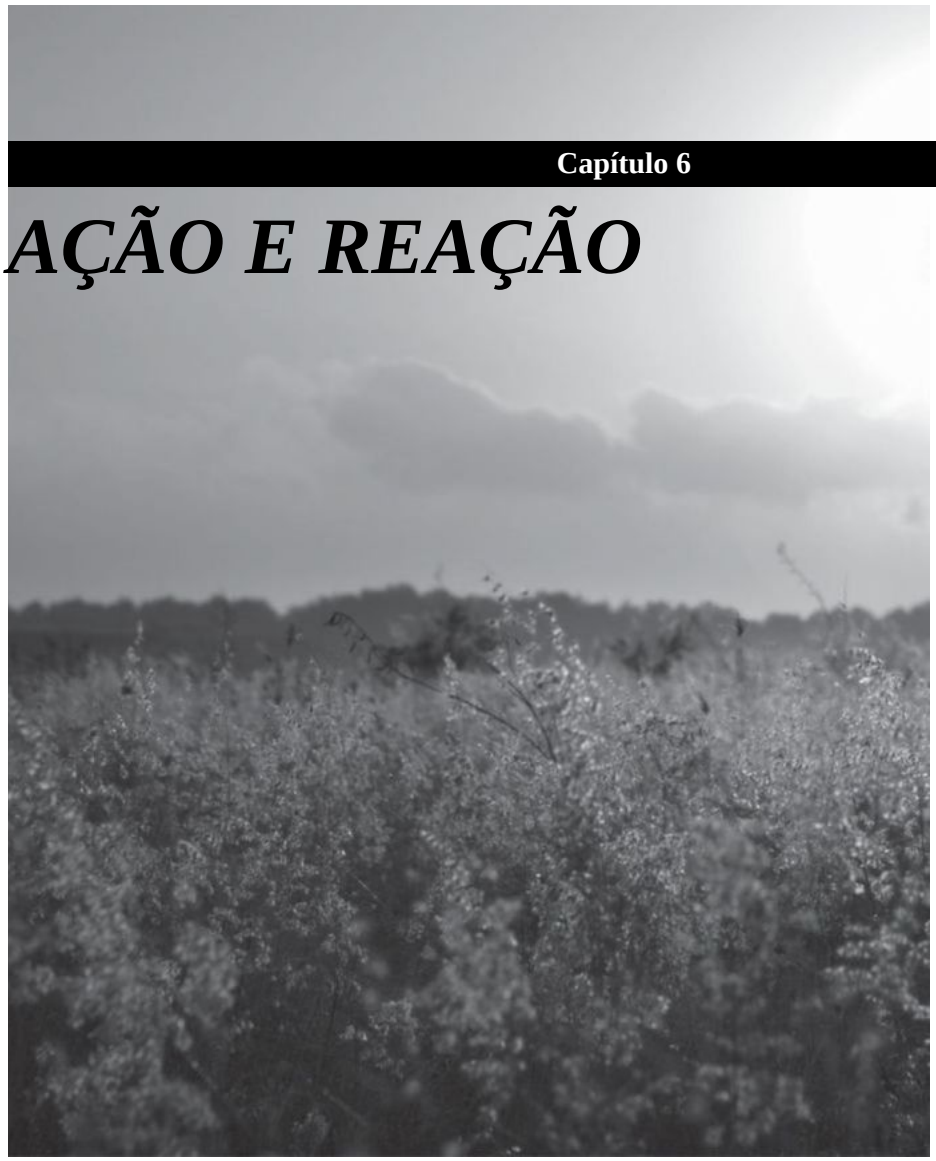
POR UM

PROCESSO DE

RECICLAGEM,

REEDUCAÇÃO E

TREINAMENTO.



Capítulo 6

AÇÃO E REAÇÃO



Casualidade é um princípio que não existe na concepção espírita, tanto na construção dos laços familiares, sociais, intelectuais, culturais, assim também como em todos outros acontecimentos de nossa experiência humana. Recebemos conforme atraímos e colhemos aquilo que plantamos, seja em vidas passadas, na vida atual e, obviamente, nas vidas futuras.

Costumeiramente o ser humano reclama da própria situação, seja amorosa, profissional, financeira, familiar, de saúde ou de outros aspectos. No entanto, a Lei de Causa e Efeito faz parte das leis da natureza e, consequentemente, das leis divinas, que são sempre justas e perfeitas.

Na medida em que desenvolvemos e dilatamos a razão, somos mais responsáveis por nossas atitudes, através do exercício de nosso livre-arbítrio, o qual, alias, é patrimônio inalienável do espírito em evolução. Assim, todas as nossas ações geram reações e consequências naturais, na mesma medida das respectivas origens.

Do ponto de vista religioso percebemos essa orientação na fala de Jesus: “A cada um, conforme suas obras” (18); e ainda, no ensino de Paulo de Tarso: “Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”. (19) E, também, nos antigos princípios budistas e hinduístas: os conceitos de karma e de dharma, que na língua dos hindus (sânscrito) significam ação e reação.

Do ponto de vista científico podemos – por que não? – recorrer à mecânica clássica de Isaac Newton na sua terceira lei, referente aos comportamentos estático e dinâmico dos corpos materiais: “À toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade; ou, as ações mútuas de dois corpos um sobre o outro são sempre iguais e dirigidas em sentidos opostos”. (20)

Não é preciso morrer na carne para conhecermos essa lei. Em nosso cotidiano experimentamos as aplicações dela.

Aquele que vive na indiferença da dor alheia recebe do próximo a indiferença pelas dores que lhe são próprias. Aqueles que se afastam do convívio social, com inúmeras justificativas, serão, mais cedo ou mais tarde, relegados ao abandono e à solidão.

Se praticarmos com a sociedade e com a família a hostilidade, a brutalidade, a aversão e o egoísmo, encontraremos como resposta natural a antipatia e a desconfiança.

Se, ainda, cultivarmos a preguiça e a ociosidade em nossas tarefas e obrigações, fatalmente seremos relegados às doenças e à inutilidade.

Se disseminarmos com palavras o pessimismo e a irritabilidade, adquiriremos como patrimônio o mau humor e o isolamento.

Se permanecermos em desequilíbrio e praticarmos crimes de toda natureza, inevitavelmente encontraremos a dor e a desilusão em nossos caminhos.

A cada dia sofremos a influência alheia na construção de nosso próprio destino. Nossos pensamentos, palavras e ações constituem moldes mentais para os que nos acompanham e, principalmente, para nós mesmos.

Na grande maioria das vezes essas reações nos acompanharão para o Além-túmulo. No mundo espiritual, interrompida a experiência terrestre, cada criatura arrecada as bênçãos ou as lições da vida, de acordo com as próprias obras, e, fatalmente, nas próximas reencarnações vai colher aquilo que plantou, assim como se colhe hoje o que foi plantado.

Muitas de nossas manifestações de desequilíbrio orgânico, comportamental ou psicológico, doenças diversas como câncer, depressão e loucura, dentre muitas outras, são chamadas de prédisposições mórbidas. O desequilíbrio do passado está registrado nos recônditos sutis de nossa mente e se manifestam na vida atual como consequência natural de reequilíbrio. As

doenças, em muitas ocasiões, fazem parte do doloroso processo de cura da enfermidade do espírito.

Gestos de carinho e de respeito ao próximo propiciam-nos o concurso fraterno de espíritos amigos.

O estudo e o trabalho honesto e bem-feito produzem o tesouro da competência e do crescimento intelectual.

Atitudes de compreensão, amor e gentileza atraem a simpatia e contribuem na educação dos nossos sentimentos.

Otimismo, esperança e nobreza de caráter atraem preciosas oportunidades de serviço ao nosso favor.

“Todo dia é tempo de semear, todo dia é tempo de colher. Não é preciso atravessar a sombra do túmulo para encontrar a justiça face a face. Nos princípios de causa e efeito achamo-nos incessantemente sob a orientação dela, em todos os instantes de nossa vida.” (21)

---

18 Mateus 16, 27.

19 Gálatas 6, 7.

20 Princípios Matemáticos da Filosofia Natural.

21 Fonte Viva, Chico Xavier, Emmanuel; lição 160.



Capítulo 7

DESLIGAMENTO



Quando acontece a morte física inicia-se o desligamento do espírito: é o que chamamos de desenlace ou desencarne. Porém, nem sempre é um processo muito simples.

Os espíritos mais evoluídos, de caráter bem definido e que viveram a vida alinhada com a proposta do bem, independentemente de serem religiosos ou não, fazem esse desenlace de uma forma tranquila e até automática.

Para a maioria de nós as coisas não são tão simples assim. É necessário, em muitos casos, a intervenção dos amigos espirituais para auxiliarem nesse complexo processo de desligamento. São procedimentos muito parecidos com os processos cirúrgicos, onde técnicos da espiritualidade fazem o rompimento dos chamados liames perispirituais para a libertação definitiva da alma. Estes liames são tênues e invisíveis laços eletromagnéticos, que conectam o perispírito ao corpo físico. Logo após a morte do corpo o processo de desligamento se inicia.

Segundo informação dos amigos espirituais, o desencarne começa pelas extremidades e vai se completando até chegar ao coração, quando se desliga o cordão fluídico responsável pela energia vital; interrompe-se a circulação e consuma-se definitivamente a morte física.

A medicina dispõe de diversos recursos para reverter o quadro de morte. Tais socorros são eficientes quando ainda não se desligou o cordão fluídico do coração, pois, quando isso acontece, nem o mais hábil médico poderá reverter a situação. (22)

Mesmo depois da morte física, alguns espíritos muito apegados à matéria ainda guardam, nas respectivas mentes, sensações do corpo. Alguns relatam sentirem frio, fome, dor e outras sensações físicas no mundo

espiritual. Isso é natural, até que eles consigam se livrar das próprias culpas e se readaptaem à nova realidade: a de espíritos desencarnados.

---

22 Quem tem medo da morte?, Richard Simonetti; Desligamento.



Capítulo 8

A VOLTA AO MUNDO ESPIRITUAL



Depois da morte física, que é um fenômeno biológico, e da desencarnação, que é o desligamento da matéria, o espírito finalmente retorna à dimensão espiritual. Essa transição – como já foi dito – nem sempre é fácil.

Cada desencarnação e cada reencarnação, segundo sugere o espírito de André Luiz (23), é muito particular, ou seja, não existe nenhuma exatamente igual à outra. Tudo depende de vários fatores. Dentre eles, a natureza da morte (se ocorreu devido a um acidente ou a uma doença, considerando-se o tipo e a duração da enfermidade) e, principalmente, a natureza moral e intelectual do espírito: se, quando encarnado, ele era muito apegado aos bens materiais, aos vícios, às paixões sensuais, às crenças religiosas em que acreditava e professava, aos relacionamentos com os familiares, amigos ou desafetos... Enfim, são diversos os fatores que influenciam de maneira positiva ou negativa a transição do espírito.

Porém, de algumas coisas temos plena certeza: o ser humano bom, que tem uma consciência plena dos próprios atos, faz, sem dúvida, uma transição boa e tranquila; aquele que não tem essa mesma convicção terá, evidentemente, maiores dificuldades no respectivo retorno e na readaptação ao novo mundo, passando, quase sempre, por uma perturbação espiritual, durante um tempo muito relativo e peculiar a cada um.

A grande diferença entre a reencarnação e a desencarnação é, basicamente, que, quando nos encarnamos, nascemos num corpo de bebê, que vai progressivamente adquirindo a condição de adulto e reconquistando, na juventude, a maturidade espiritual. Já na desencarnação, ressurgimos no mundo dos espíritos na condição de adultos, dotados de plenas faculdades perceptivas, salvo algumas exceções, como a desencarnação na fase infantil, por exemplo. Isso geralmente causa um grande desconforto ao espírito,

quando ele se vê num outro mundo muito diferente daquele ao qual estava habituado. Para a maioria, a ficha demora a cair.

Depois de morto, como o espírito "acorda" no outro lado?

Como já dissemos, a passagem para a outra dimensão varia ao infinito, dependendendo de cada espírito em particular. Para alguns, a passagem é tranquila e natural, enquanto para outros é extremamente penosa.

Usemos a metáfora do nevoeiro: muitos acordam no meio de um intenso nevoeiro, que, pouco a pouco, vai se dissipando.

Os recém-desencarnados vão acordando para a nova vida e compreendo a nova realidade. Alguns espíritos encontram-se tão apegados à matéria, aos vícios e aos apetites físicos, que, mesmo depois da morte do corpo físico, continuam entre os encarnados, convictos de que ainda vivem. Eles olham para o corpo espiritual e supõem tudo normal: andam, tentam se comunicar com os encarnados, continuam presos às sensações físicas, buscando, às vezes, o prazer do sexo, do álcool, das drogas, da maldade, da leviandade, e frequentando, habitualmente, os lugares aos quais estavam acostumados, até serem defrontados de uma forma dolorosa com a verdadeira realidade.

Depois da morte encontraremos nossos parentes e amigos desencarnados?

Muitos deles nos recebem; outros podem não estar nas mesmas dimensões em que estaremos. Por isso, não os veremos imediatamente.

Com o transcorrer do tempo nos acostumamos à nova realidade e, através da reeducação, da higienização mental e, principalmente do

trabalho, vamos nos readaptando à nova situação.

Ao longo do tempo e mediante um processo de merecimentos vamos tendo acesso aos nossos parentes e amigos, que nos foram caros, enquanto encarnados, além de muitos outros que participaram de nossas vidas em outras épocas, ou seja, em outras reencarnações.

Como é a vida nas cidades espirituais? O que ficamos fazendo lá?

Certamente não existe a ociosidade contemplativa. A lei do trabalho, a lei do progresso e a lei da evolução são leis divinas inexoráveis.

Nas cidades medianas e evoluídas, os habitantes continuam a respectiva trajetória de aprendizado e de trabalho. As relações sociais são permeadas pela solidariedade e pelo afeto.

O aprendizado se faz obrigatório em todos os níveis. Existem moradias, escolas, instituições religiosas (mas não dogmáticas), educandários infantis, lugares de lazer e hospitais, onde, inclusive, são tratados muitos dos recém-chegados – que ainda necessitam de tratamentos –, e muitas outras instituições voltadas para a proposta da edificação.

As atividades desenvolvidas nessas cidades têm o aspecto da nobreza e do bem constante. Os espíritos, na maioria deles, ajudam-se e colaboram na assistência dos encarnados, sendo chamados de anjos da guarda, guias e espíritos protetores (são os seres que nos ajudam, principalmente, nos momentos de dores individuais e em tragédias coletivas).

Nas regiões inferiores existe uma forte tendência para o mal. A leviandade, a ociosidade e a perversidade permeiam os sentimentos e as ações dos habitantes de lá. Alguns deles conseguem influenciar muitos de nós, encarnados, através de sugestões mentais, ou obsessões espirituais (é a lei da sintonia).

Essas regiões, também chamadas de umbral, são, de fato, lugares de aspecto triste e sombrio, caracterizados pela dor e pelo sofrimento das almas que lá habitam temporariamente (digo temporariamente, porque nenhum espírito está condenado eternamente ao mal e ao sofrimento eterno).

Essas regiões não estão relegadas à própria sorte. São assistidas e visitadas por espíritos bondosos, que, cotidianamente, fazem incursões com o intuito de ajudar e resgatar espíritos que estejam dispostos a se regenerarem.

Quais os fatores que podem levar um espírito desencarnado para o chamado umbral?

Naturalmente, quem ele foi e aquilo que ele fez enquanto encarnado.

A nossa consciência registra e julga todas as nossas ações durante a nossa existência atual e o pensamento é energia irradiante. O nosso espírito residirá onde nos projetarmos mentalmente.

Ao nos desencarnarmos passamos por um processo automático de análise consciencial, que registra em nosso corpo espiritual o resultado desse balanço. Dependendo do peso, ou melhor, da densidade do nosso corpo espiritual, iremos automaticamente habitar as regiões espirituais compatíveis com o nosso peso e, principalmente, com as vibrações e sintonias que expressamos. (24)

O homem mau, de caráter frívolo e mesquinho, os assassinos, os estupradores, os corruptos do erário público, os bandidos de toda sorte, enfim, todos aqueles que se comprometeram com as leis divinas pelo mau uso do livre-arbítrio arcarão – como não poderia deixar de ser – com as inevitáveis consequências dos atos irresponsáveis. Não é castigo e muito

menos punição de Deus; simplesmente, a Lei de Causa e Efeito e a Lei de Justiça, operando como forma justa de reparação e de aprendizado.

Essas regiões – como já dissemos – não estão nas dimensões físicas comuns (não adianta cavarmos um buraco profundo, procurando esse inferno material, porque não iremos encontrá-lo), mas, sim, em outras frequências, nas dimensões espirituais mais densas, que são mantidas pelas próprias energias mentais dos espíritos afins, os quais, juntos, plasmam e sustentam esses lugares de baixo teor vibratório com os próprios pensamentos e emanações mórbidas. São quadros tenebrosos de sofrimento e de dor, nos quais muitos se comprazem, até o momento em que a dor moral e o arrependimento lhe despertem a consciência.

Quando criança, costumava passar férias na casa de um tio, que era mecânico de automóveis. Lembro-me de que, no final do expediente, ao voltar da oficina, meu tio era obrigado pela esposa a passar pelo portão dos fundos e, lá, se dirigia a um acanhado banheiro, onde se banhava e retirava a pesada sujeira das graxas e dos óleos automotivos. Só depois de bem limpo é que ele tinha a permissão para adentrar a casa, que era caprichosamente limpa.

Pois bem! Para muitos, a volta ao mundo espiritual é muito semelhante a essa história. Se o nosso corpo espiritual estiver sujo, manchado, densificado pelos miasmas de nossos maus pensamentos e más ações, passaremos, obrigatoriamente, por uma lavanderia, para retirar as fuligens e sujeiras adquiridas, por muitos de nós, de formas irresponsáveis. Só depois de bem limpos é que poderemos entrar nas regiões espirituais mais confortáveis. (25)

Como também ensinou Jesus na parábola do banquete do casamento: “Como entrastes aqui sem a veste nupcial?” (26) Para entrar nas regiões

espirituais é preciso vestir, limpar e sutilizar nossa veste, ou seja, nosso corpo espiritual. Mais uma vez, uma simples questão de sintonia.

Ao desencarnar, o espírito liberta-se das imperfeições?

Este é um dos grandes equívocos cometidos pelo senso comum. Muitos daqueles que creem na vida após a morte acreditam que, ao morrer, a alma vai descansar e o morto se tornará bom ou santo e encontrará a paz e a felicidade eterna; ou, se ele tiver sido muito mau, ficará eternamente sendo punido pelos maus atos dele no inferno eterno. Tal pensamento vai de encontro à razão e à sensatez.

Quando nos desencarnamos, chegamos ao mundo espiritual com a mesma postura mental e a mesma natureza moral, ou seja, o bom continua bom e o mal permanece mal (não existe mágica!).

Não é porque se morre que se adquire a perfeição ou a santificação.

Comumente acontece que o senso crítico da criatura fica muito mais aguçado e também por causa disso, que, às vezes, o arrependimento de ter feito ou não ter feito tais e tais coisas gera uma grande dor moral.

Se o homem é muito apegado a questões de ordem material ou sexual, se for, por exemplo, ciumento, orgulhoso, egoísta, fanático religioso, futebolístico, nacionalista, político-partidário e tudo o mais, continuará, após a morte, com as mesmas paixões, convicções e tendências. Se, ao contrário, ele já adquiriu uma espiritualização – conquistada no labor das reencarnações –, desapegando-se das paixões inferiores, obviamente que esses méritos o acompanharão para o além e. com certeza, lhe trarão a paz e a confiança.

Por isto é muito importante buscarmos viver uma vida de simplicidade e de equilíbrio. Quanto mais enchermos nossa mala de viagem de coisas, mais

dificuldades haverá em carregá-la e em desfazermo-nos dela.

Efetivamente, as únicas coisas que realmente levaremos em nossa viagem de volta serão os conhecimentos adquiridos em nossas experiências de vida, bons ou maus. O que temos, nós deixamos; o que somos, nós levamos.

Por quanto tempo ficaremos nas cidades espirituais?

Ficaremos até uma nova reencarnação (em um novo corpo, é claro!). Quanto ao tempo, ele é muito relativo.

Não existe um período pré-determinado, depende de várias circunstâncias relacionadas a uma complexa engenharia como, por exemplo, do nosso nível intelectual e do nosso nível moral, dos nossos merecimentos, das nossas necessidades evolutivas, das nossas ligações com os espíritos afins, da nossa relação de amor ou de ódio que construímos com eles, das nossas necessidades provacionais, das nossas missões a serem compridas, ou seja, de uma série de elementos que são trabalhados por nós e nossos orientadores espirituais na formatação da nossa futura reencarnação.

Em alguns casos excepcionais, pode-se permanecer numa cidade espiritual durante poucos dias, mas, normalmente, ficamos anos ou até mesmo séculos no mundo dos espíritos.

Existem, ainda, as chamadas reencarnações compulsórias, que são aquelas em que o espírito, por excessos de débitos adquiridos, perde, temporariamente, a capacidade de discernimento e de escolha e, por isso, os amigos espirituais, para o bem dele, intercedem a seu favor, propiciando, para ele, uma reencarnação compulsória, ou seja, obrigatória.

---

23 Missionários da Luz, André Luiz.

24 Entre a Terra e o Céu, André Luiz; capítulo 20.

25 Nosso Lar, André Luiz.

26 Mateus 22, 1-14.

QUANTO MAIS

ENCHERMOS

NOSSA MALA

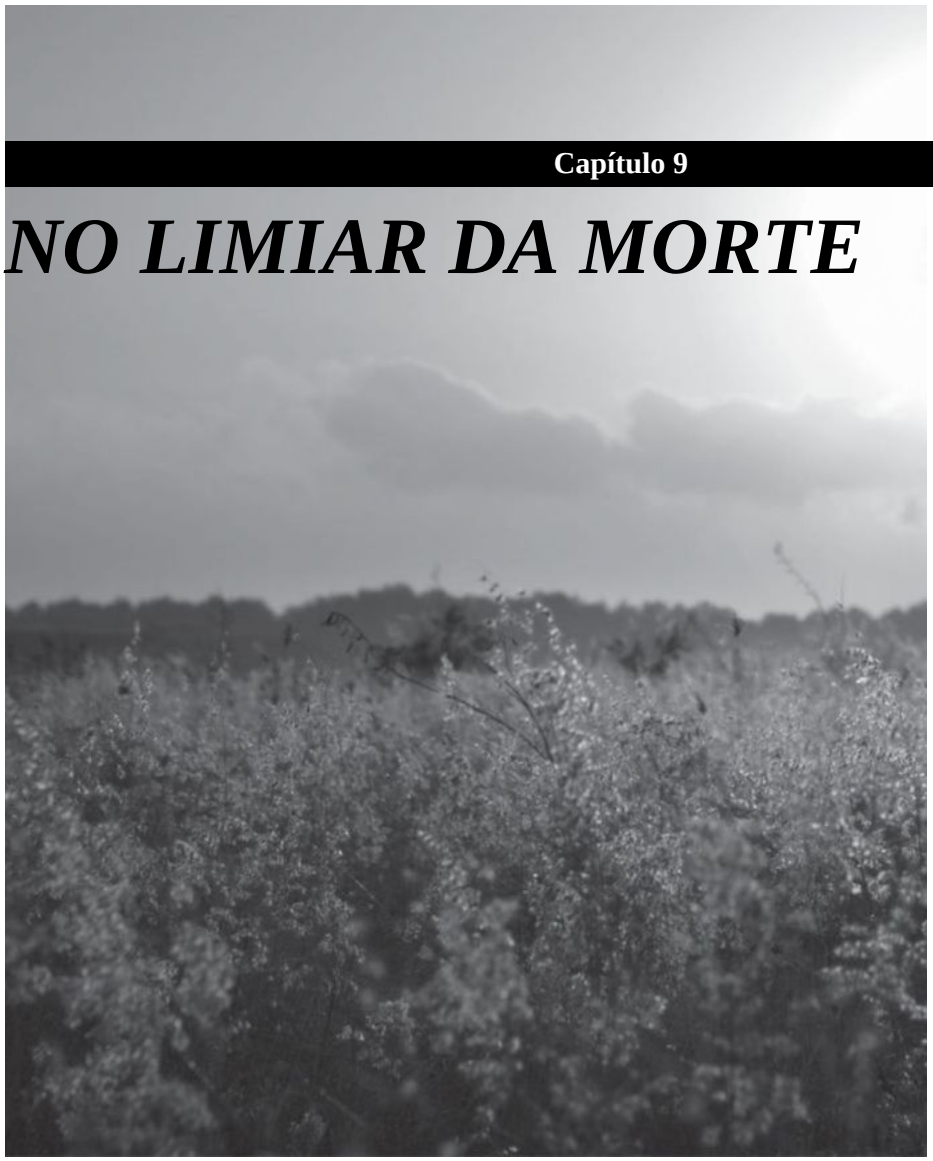
DE VIAGEM DE

COISAS, MAIS

DIFICULDADES

HAVERÁ EM

CARREGÁ-LA.



Capítulo 9

NO LIMIAR DA MORTE



Quando viemos à Terra traçamos, com a ajuda de nossos mentores, o nosso projeto reencarnatório. Nele constam a natureza de nossas provas ou expiações, o círculo familiar e consanguíneo escolhidos, os dons e as aptidões a serem desenvolvidas e as más tendências a serem corrigidas, ou seja, uma série de elementos que tem como finalidade a nossa evolução intelectual e, principalmente, espiritual.

Não nascemos em determinada família, país ou corpo por acaso. Aliás, para o Espiritismo, (como já tratado) acaso é um conceito que não existe. Encarnados e dotados de inteligência, razão e livre-arbítrio, fazemos nossas escolhas, boas ou ruins, sendo que cada qual tem uma consequência relativa à respectiva natureza. É a mecânica das compensações.

Nesse planejamento reencarnatório não existe o fatalismo e, sim, uma flexibilidade relativa de ação, através de nossos esforços e da vontade de superar nossos desafios.

Fatal somente é a morte física, como nos afirma Allan Kardec. (27)

O instante da morte já está pré-definido em nosso projeto. Postergar a morte, apenas em casos excepcionais.

Acreditamos que o momento da morte não seja, exatamente, um dia e uma hora, mas um tempo relativo para a consolidação do nosso projeto.

Uma coisa é certa: ninguém vem à Terra marcado para o fracasso. Porém, exatamente ao contrário, viemos para vencer e evoluir.

Mas, pode o ser humano, dependendo das próprias escolhas, antecipar o instante da morte?

Claro que sim! Expondo-se a riscos desnecessários, como, por exemplo: dirigir em alta velocidade ou embriagado no automóvel; conservar

hábitos e vícios que comprometam a saúde (alcoolismo, tabagismo, dependência de drogas, a alimentação exagerada, sedentarismo, estresse pelos excessos do trabalho, ociosidade, guardar mágoas e rancores, cultivar o ódio e a inveja etc.), enfim, são várias as maneiras com as quais podemos antecipar nossa desencarnação. Tudo isso traz sérias consequências para o espírito, gerando, para ele, alguns débitos e dificuldades na desencarnação e no retorno – e subsequente readaptação – dele ao mundo espiritual. Podemos nomear isto de suicídio inconsciente.

Podemos lembrarmo-nos de nossas vidas passadas?

Existe um dispositivo natural chamado de esquecimento do passado. Quando estamos encarnados, ficamos reféns da nossa estrutura molecular e presos aos cinco sentidos básicos. O sexto sentido, que é a percepção extrassensorial - ou mediunidade, na concepção espírita –, ainda se encontra pouco desenvolvido na maioria de nós. Asim, a memória se sente obscurecida, a consciência fica fragmentada e parcialmente eclipsada pelos pesados véus da matéria. O esquecimento das reencarnações passadas é uma proteção psicológica para o espírito quando ele está encarnado.

Se enfrentamos tantas dificuldades em resolver nossos problemas na atual existência – nossas decepções, frustrações, nossos traumas de infância etc. –, imaginemos como haveríamos de nos lidar com as lembranças infelizes de encarnações passadas? Haja psicólogos e psiquiatras!

Já no mundo espiritual, desvencilhado da matéria densa, aí sim, o espírito desencarnado, dependendo da própria condição, tem toda a capacidade de se reconhecer e de se lembrar das experiências anteriores.

Se, realmente, quisermos saber quem fomos no passado, basta vermos quem somos hoje, avaliando nossas tendências e comportamentos diários,

que emergem de nossa subconsciência, ou no exercício da mediunidade, nas hipnoses profundas e nos desprendimentos temporários de nossa alma em vigília ou em sono. Isto basta.

Podemos saber o momento exato de nossa morte?

Podemos ter intuições sugeridas por amigos espirituais, mas, saber exatamente o dia e o momento da morte, somente em casos raríssimos.

Particularmente, creio que seja muito melhor assim. Imagine nossa ansiedade se descobríssemos que o nosso tempo estivesse acabando, que o nosso dia de partir deste mundo estivesse chegando. Haja ansiedade!

A providência divina, que poucos de nós realmente a compreendemos pela complexidade dela, é perfeita na própria mecânica e aplicação.

O importante a saber é que o destino de nossas vidas é traçado por nós mesmos. Somos artífices da nossa trajetória e protagonistas da nossa história. O caminho do bem é, sem dúvida, o roteiro mais seguro. Quando nos desvirtuamos por caminhos equivocados, entra em cena o mecanismo da dor, convidando-nos à reparação e ao reajustamento com as leis naturais.

Relatam alguns sobreviventes, que estiveram no limiar da morte e que saíram ilesos de graves acidentes ou de suicídios frustrados, que se passa um filme na memória deles. Lembranças de toda uma vida, que são revisadas em poucos segundos. Como isso se explica?

É um fenômeno natural. É uma recapitulação, um balanço consciencial que o ser humano faz quando está prestes a se desencarnar.

A mente, que independe do corpo físico, revisa automaticamente todas as ações boas e ruins vividas pelo encarnado, passando a fixar na memória

espiritual essas experiências. É como se estivéssemos de mudança de uma moradia para outra. Recolhemos todos os nossos pertences antigos ou novos e os levamos no caminhão da mudança para a nossa futura casa. É, ainda – numa linguagem mais atual –, como se fizéssemos um “backup”, baixando, para a nossa memória espiritual, todos os arquivos da experiência atual e levando – é claro – os resultados em nosso disco rígido: a consciência.

É exatamente esse mecanismo psicológico que vai definir o peso do nosso corpo espiritual e o lugar que nos compete viver nas dimensões espirituais (28).

É por isso, também, que algumas pessoas sobreviventes às chamadas “experiências de quase morte” as relatam como um filme que se passou nas mentes delas com detalhes e minúcias de toda uma vida (mais comentários sobre isso no capítulo 17 deste livro).

Todas as nossas experiências fazem parte do nosso vasto universo íntimo. A nossa consciência é o árbitro mais perfeito da nossa atuação perante a contabilidade divina.

Como nos diz o respeitado pensador José Herculano Pires: “A unidade do ser prevalece no tempo, pois a consciência imediata se funde na essência das aquisições reencarnatórias, no final de cada existência, como acervo global da consciência profunda”. (29)

---

27 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 853.

28 Entre a Terra e o Céu, André Luiz; capítulo 20.

29 O Espírito e o Tempo, José Herculano Pires; IV parte: Antropologia Espírita.

O INSTANTE

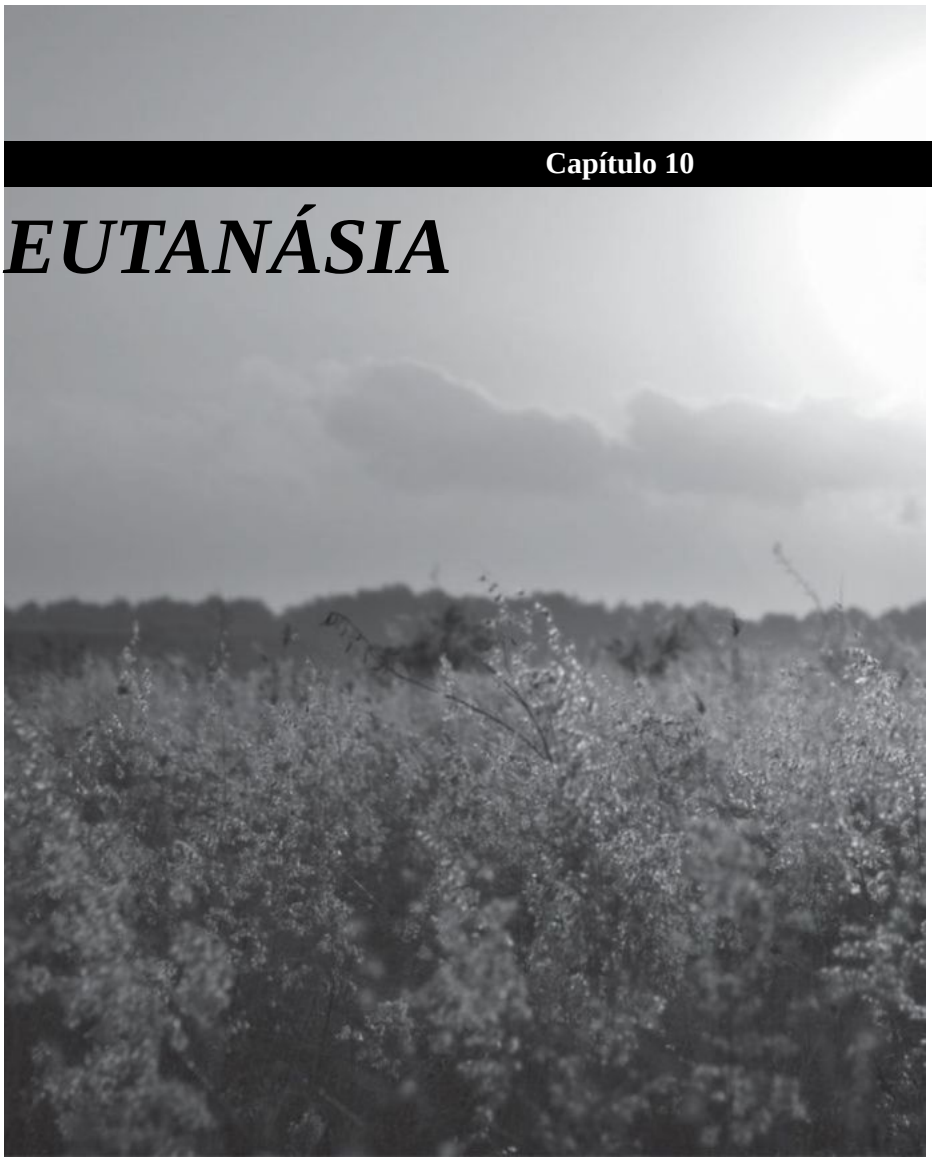
DA MORTE

JÁ ESTÁ

PREDEFINIDO

EM NOSSO

PROJETO.



Capítulo 10

EUTANÁSIA



Seria justo abreviarmos a vida de alguém para lhe amenizar a dor e o sofrimento?

Qualquer estágio ou dimensão da vida é um dom divino que vai muito além das nossas limitadas compreensões. Se o Criador nos presenteou com essa dádiva, cabe somente a Ele, dentro das leis dele, retirá-la.

O homem, que ainda não consegue transpor as limitações psíquicas e se transcender a Deus, tenta rebaixá-lo para dentro das próprias limitadas perspectivas sensoriais. Muitas vezes ele brinca de Deus e, pelo extremo orgulho e prepotência, se acha na condição de decidir se tal pessoa, em tal situação, deve viver ou ser morta. Às vezes, justifica-se dizendo: “Ela está sofrendo muito, coitadinha!... Precisamos agir para acabar com o sofrimento dela”.

Ora, quem tem a certeza de que, de fato, aquela pessoa realmente está sofrendo e irá desencarnar? Quantos casos são conhecidos sobre pessoas que foram desenganadas pelos médicos e que sobreviveram?

Mesmo que assim o fosse, que tivéssemos a certeza de que determinada pessoa iria de fato morrer e que estaria sofrendo terrivelmente, que direito teríamos de tomar a decisão de eliminá-la, mesmo sobre o pretexto de um suposto ato de caridade?

O sofrimento físico de uma pessoa, principalmente nas doenças terminais, está dentro de um complexo roteiro de provações. Na maioria das vezes, nos momentos derradeiros é que, de uma forma benéfica, o espírito encarnado está expurgando os últimos débitos dele, eliminando os derradeiros resquícios de momentos de desatinos. Interferir nesse processo é um grave erro.

Não nos compete, em nenhuma hipótese ou com qualquer justificativa, abreviar a vida de alguém (não devemos confundir eutanásia com morte cerebral, que é a perda definitiva e irreversível das funções cerebrais, o que, obviamente, não entra neste contexto).

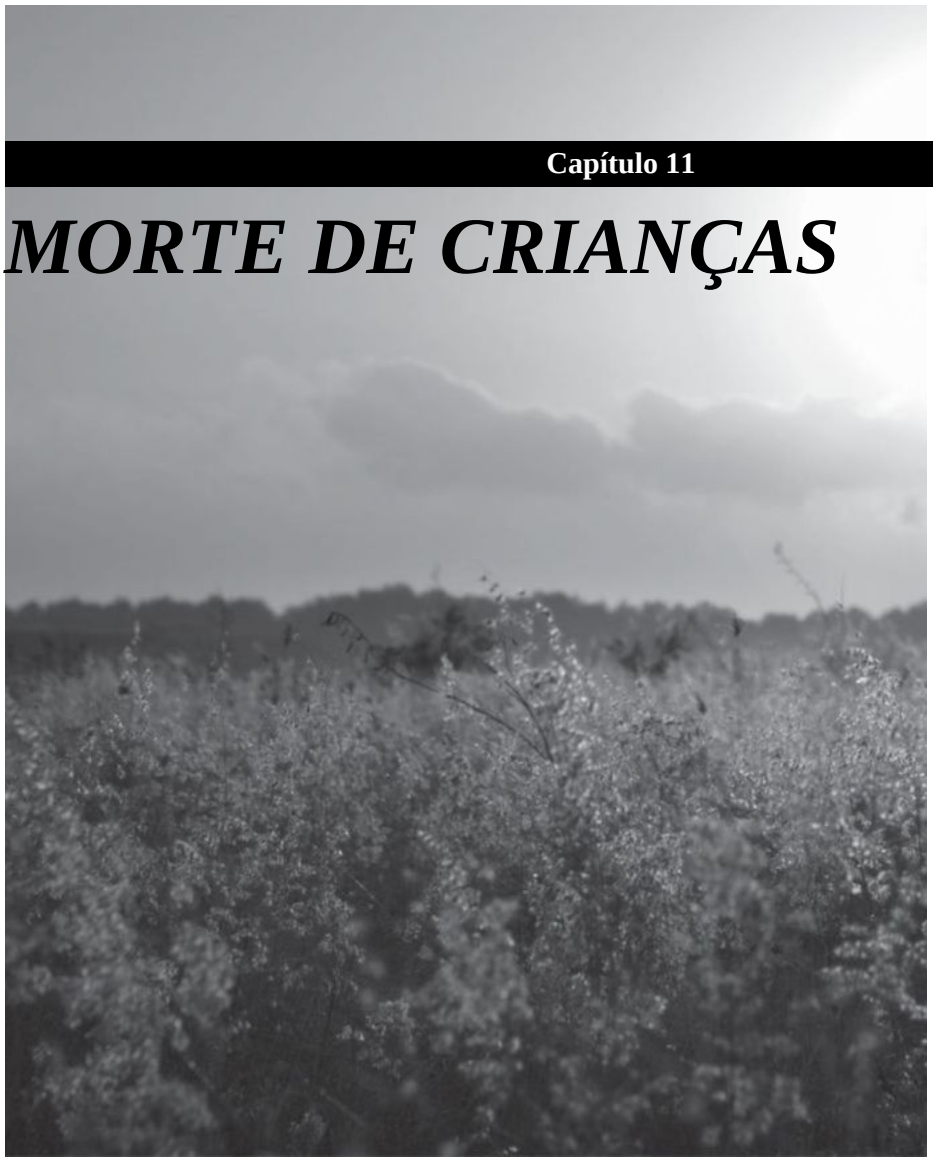
É importante salientar que estamos tratando da chamada eutanásia ativa, que é o ato deliberado de provocar a morte do paciente por supostos fins misericordiosos, e não da distanásia ou da ortotanásia, que são conceitos correlatos, mas diferentes.

Na ortotanásia, os médicos permitem ao paciente a morte digna, sem sofrimentos, acompanhando a evolução e o percurso natural da doença até a morte; já a distanásia é a prática pela qual se prolonga, mediante terapêuticas artificiais e desproporcionais, a vida de um enfermo incurável.

É muito comum, através da comunicação mediúnica, a queixa de espíritos desencarnados que foram vítimas de eutanásia. Muitos deles retornam ao mundo espiritual extremamente revoltados com aqueles que, de maneira presunçosa ou até criminosa, os despacharam para o lado de lá.

Capítulo 11

MORTE DE CRIANÇAS





Umas das perdas mais dolorosas é a morte de crianças, principalmente para os pais. É perfeitamente compreensível essa dor, até porque as crianças, pela ingenuidade e pela fragilidade delas, cativam facilmente os corações, especialmente dos genitores.

Mas, que razões teriam essas desencarnações? Poderíamos considerá-las sem sentido ou injustas?

Se assim pensássemos, estaríamos colocando em xeque a Justiça e as Leis Divinas.

Por que Deus permitiria tamanha dor para os pais e que sentido teria um espírito viver poucos dias ou pouquíssimos anos?

Que finalidade teria essa breve reencarnação?

Esses mesmos questionamentos fez o codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec. (30)

Segundo a resposta dos instrutores espirituais: “A duração da vida de uma criança pode ser, para o espírito que está encarnado, o complemento de uma existência interrompida antes do tempo marcado, e a morte, no mais das vezes, é uma prova ou expiação para os pais”.

Imaginemos uma pessoa que, em determinada existência, antecipou o final da própria vida mediante o suicídio deliberado ou inconsciente. Em uma nova reencarnação ela precisá de um tempo proporcional àquele, que, de forma inconsequente interrompeu.

As leis divinas – perfeitas e justas – permitiriam, nessa nova existência, que ela se reajustasse diante delas.

É lógico que cada caso é um caso em particular, mas, de uma forma geral, não se foge muito a essa regra.

Qual responsabilidade têm os pais com o fato? O que justificaria tamanha dor e tamanho sofrimento?

Como citamos, para eles é uma provação ou expiação.

Os pais têm forte relação com o espírito da criança – que é um espírito tão antigo quanto o deles –, sendo que, no passado, muito provavelmente mantiveram alguma responsabilidade direta ou indireta na trajetória de insucesso ou de desvirtuamento dele. Assim, pela Lei do Amor, se comprometeram a ajudá-lo, dando-lhe acolhimento e carinho na breve estada na Terra.

A superação desse trauma, mediante a aceitação e a resignação, é, para eles, uma oportunidade de quitação dos respectivos débitos, através do mecanismo reparador do sofrimento.

Em alguns casos – mais raros –, os pais são espíritos que, por simples missão, se dispuseram a auxiliar tais espíritos, sem estarem diretamente relacionados à origem do drama.

Retornando ao mundo espiritual, depois da breve experiência no plano físico, o espírito da criança é recebido com todo o afeto e o acolhimento por mães espirituais, que os protegem e os tutelam, contribuindo para se recomponham do ponto de vista periesperitual e psicológico, preparando-os para outra reencarnação no momento oportuno.

Nesse intervalo é muito comum os pais terrenos visitarem, durante sonhos e em desdobramentos, o espírito da criança que se desencarnou, auxiliando-o e reconfortando-o, como a eles mesmos.

Lembrando as palavras inesquecíveis do apóstolo Pedro: “O amor cobre uma multidão de pecados”. (31)

Por mais dolorosa que seja a perda, nunca devemos perder a fé no futuro e a certeza de que a providência divina age de formas, que num primeiro momento, não compreendemos. Mas, com certeza, são as mais justas e precisas formas de reparação e evolução. Deus age certo por linhas certas. Costumeiramente, nós é que entortamos essas linhas pela imprevidência e pela ignorância.

---

30 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 199.

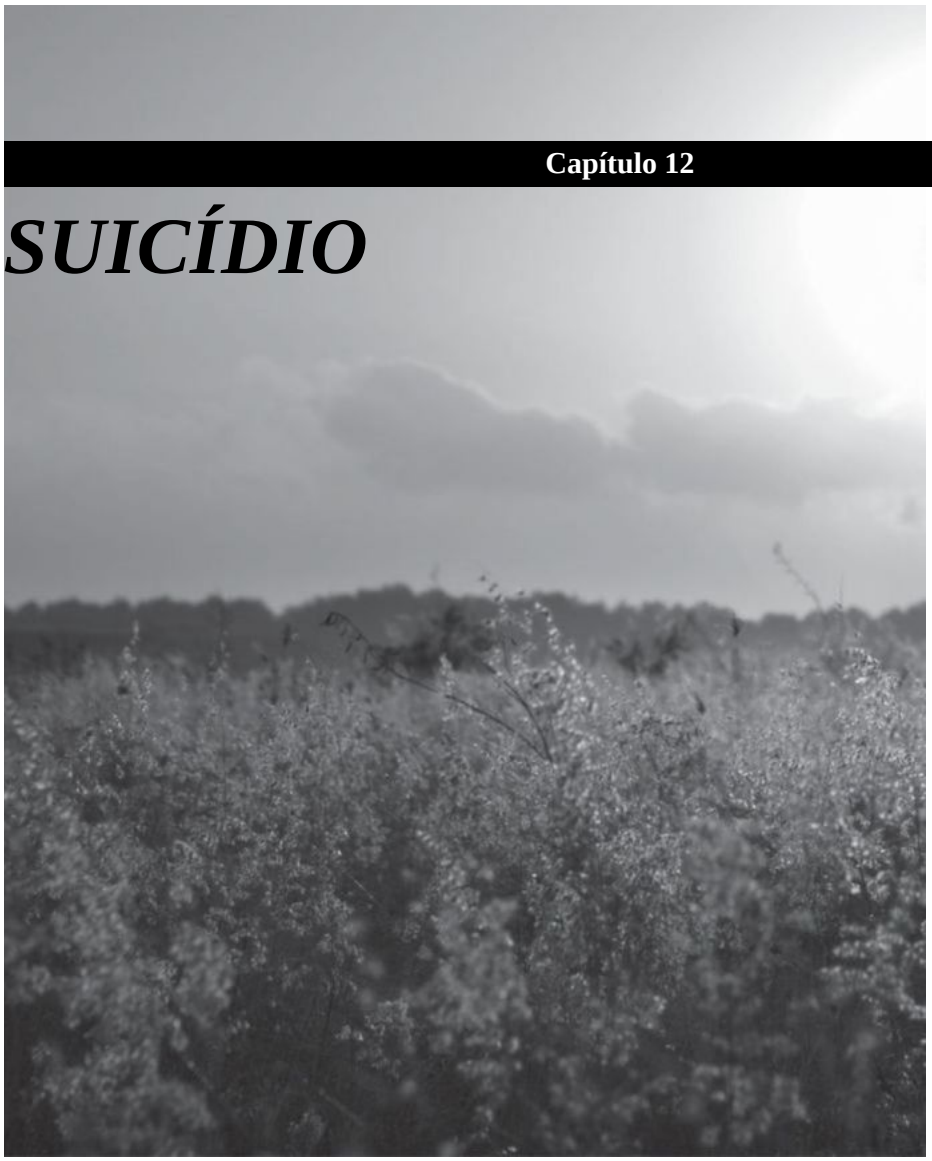
31 1 Pedro 4, 8.

DEUS AGE

CERTO POR

LINHAS

CERTAS.



Capítulo 12

SUICÍDIO



De certo, a natureza de morte mais dolorosa e que requer a nossa compaixão e a misericórdia divina é, sem dúvidas, a morte por suicídio. Para facilitar nossa compreensão, classificaremos o suicídio em três aspectos:

- **o suicídio deliberado;**
- **o suicídio inconsciente;**
- **o suicídio altruísta.**

O suicídio deliberado ou consciente é aquele em que o autor, dotado de sã consciência, deliberadamente se mata. Sabe perfeitamente o que quer e o que está fazendo. Muitos, inclusive, planejam e premeditam os sórdidos detalhes da própria morte.

O suicídio inconsciente é aquele em que a pessoa suicida não tem total consciência de que está se matando. Ele está correlacionado, principalmente, aos vícios, aos maus hábitos e ao estilo de vida.

Cada espírito encarnado recebe uma cota de energia vital compatível com o tempo de vida que lhe foi estabelecido. Se ele – o espírito – souber administrar bem essa cota, certamente conseguirá cumprir as próprias metas. Se, ao contrário, for imprevidente ou irresponsável, poderá não cumprir os objetivos dele.

Imaginemos um homem que saiu dirigindo um automóvel para uma viagem de quatrocentos quilômetros, sem postos de reabastecimento de combustível ao longo do trajeto. A reserva de combustível é de cinquenta litros e a média normal de consumo do automóvel é de dez quilômetros por litro, ou seja, uma autonomia de quinhentos quilômetros, o que lhe daria uma boa margem de folga para chegar ao destino. No entanto, pela forma veloz e irresponsável que dirige, exigindo um alto consumo de energia,

antes do final do percurso o combustível fatalmente acabará e o carro não conseguirá prosseguir.

Para muitos de nós é assim que comumente acontece. Consumimos nossas energias vitais em atividades irresponsáveis, fúteis, supérfluas; não naquilo que realmente interessa: nossa evolução intelectual e espiritual no trato diário das relações humanas. Esse é o suicida inconsciente.

Há, ainda, **os suicidas altruístas**. Mesmo sendo raros, vale a pena comentar sobre eles.

São aquelas pessoas que, de uma forma altruísta, decidem colocar em risco a própria vida em benefício da vida de outras pessoas. Exemplos: uma pessoa que, mesmo não sabendo nadar, durante uma enchente se atira na água para salvar a vida de alguém que está em perigo e, então, se desencarna; um soldado em uma trincheira, ao perceber que uma granada foi detonada, se atira sobre ela para salvar a vida dos companheiros. Em cada caso em particular, a culpabilidade é relativa de acordo com a respectiva intenção. Nesses casos, a nobreza do ato atenua a falta.

Como anteriormente comentado, ao nascermos trazemos o nosso projeto reencarnatório e, quase sempre, nele já consta o tempo de vida e a natureza do nosso desencarne. Quando o ser humano interfere nesse projeto, antecipando, deliberadamente ou inconscientemente, a própria morte, ele está interferindo nas leis naturais e, consequentemente, terá que responder perante elas.

As chamadas Leis Divinas ou Leis Naturais são oriundas do Criador e. através delas, Deus, auxiliado pelos prepostos dele, governa todo o Universo, tanto no aspecto físico quanto no aspecto moral. Cada espírito traz na própria consciência uma síntese dessas leis. (32) Esse conhecimento é relativo ao respectivo grau de desenvolvimento do espírito. Quanto mais

conhecimento tem o ser humano, mais responsabilidade ele tem sobre a prática das próprias ações.

A maior decepção para o suicida – principalmente para o suicida deliberado ou consciente – é perceber que ele não morreu – porque não existe a morte espiritual –, que a vida continua e que os problemas dele não foram resolvidos, mas foram agravados.

Comumente o espírito de uma pessoa suicida passa por tormentos pavorosos. O desligamento dele dos despojos físicos é lento e doloroso. Se morreu por uma arma de fogo, costuma ouvir e sentir repetidamente o projétil ressoar e penetrar o próprio corpo espiritual. Se suicidou-se por afogamento, vê e sente as águas frias da dor a banharem o mundo íntimo dele. E assim se repete em cada natureza de morte, por muito e muito tempo.

É claro que o suicídio tem agravantes, mas, outrossim, tem atenuantes.

Em alguns casos, como doenças mentais – esquizofrenia, depressões ou coisas do gênero –, existem os atenuantes. Por outro lado, devido a motivos fúteis ou banais, como reveses financeiros, rompimento de um relacionamento amoroso ou coisa parecida, há sérios agravantes.

As religiões ortodoxas e tradicionais sugerem que os suicidas vão expiar eternamente as próprias faltas e rebeldias no chamado inferno eterno. Há algum tempo os corpos deles eram enterrados em lugares separados e eram proibidos de receberem as homenagens póstumas.

De acordo com a concepção espírita, não entendemos assim. Aliás, se assim o fosse, estaríamos colocando em questionamento a justiça e a bondade divinas. Qual pai desejaria o castigo eterno para os próprios filhos mais infantis e rebeldes?

Se muitos concordam que Deus seja – entre outros atributos – justo e misericordioso, obviamente não podemos entender que Ele condenasse os próprios filhos a uma pena eterna e infinita. Isso seria paradoxal.

O sofrimento dos suicidas acontecerá inevitavelmente, devido à rebeldia deles e à respectiva negação absoluta da Lei de Amor, mas a misericórdia divina também agirá através dos próprios prepostos, auxiliando essas criaturas no acolhimento consolador.

A dor, a lamentação, a solidão e o desespero dos suicidas trabalharão a médio e longo prazo como elemento purificador, de transformação e de aprendizado. Mas, a curto prazo, o auxílio divino se faz também urgente e necessário.

No livro “Memórias de um Suicida”, da médium Yvonne Pereira do Amaral, sugere-se que uma grande falange de espíritos bondosos trabalham no acolhimento, no socorro e no amparo dessas almas rebeldes e sofredoras, ou seja, os suicidas não estão relegados à própria sorte, mas, sim, amparados e acolhidos por abnegados e devotados trabalhadores espirituais.

No tempo justo e preciso, o espírito das pessoas suicidas voltarão à Terra para o reajuste diante das leis naturais e, comumente, reencarnarão em corpos que trarão sequelas dos atos irresponsáveis. Aquele que ingeriu veneno, possivelmente, trará um sério distúrbio na região da garganta; aquele que morreu por afogamento poderá nascer com sérios problemas nos pulmões; aqueles que se enforcaram poderão nascer com paraplegia ou tetraplegia infantil; aqueles, ainda, que, deliberadamente, lesaram o cérebro com um projétil de arma de fogo poderão nascer com traumas encefálicos, com demências mentais, idiotias, surdez, mudez ou cegueira; outros, que lesaram o coração com projétil de arma de fogo ou com um objeto perfurante poderão nascer com cardiopatia congênita, dentre outras consequências. (33)

Lembrando: não é castigo, é a mecânica das compensações, das reparações e da aplicação da justiça divina.

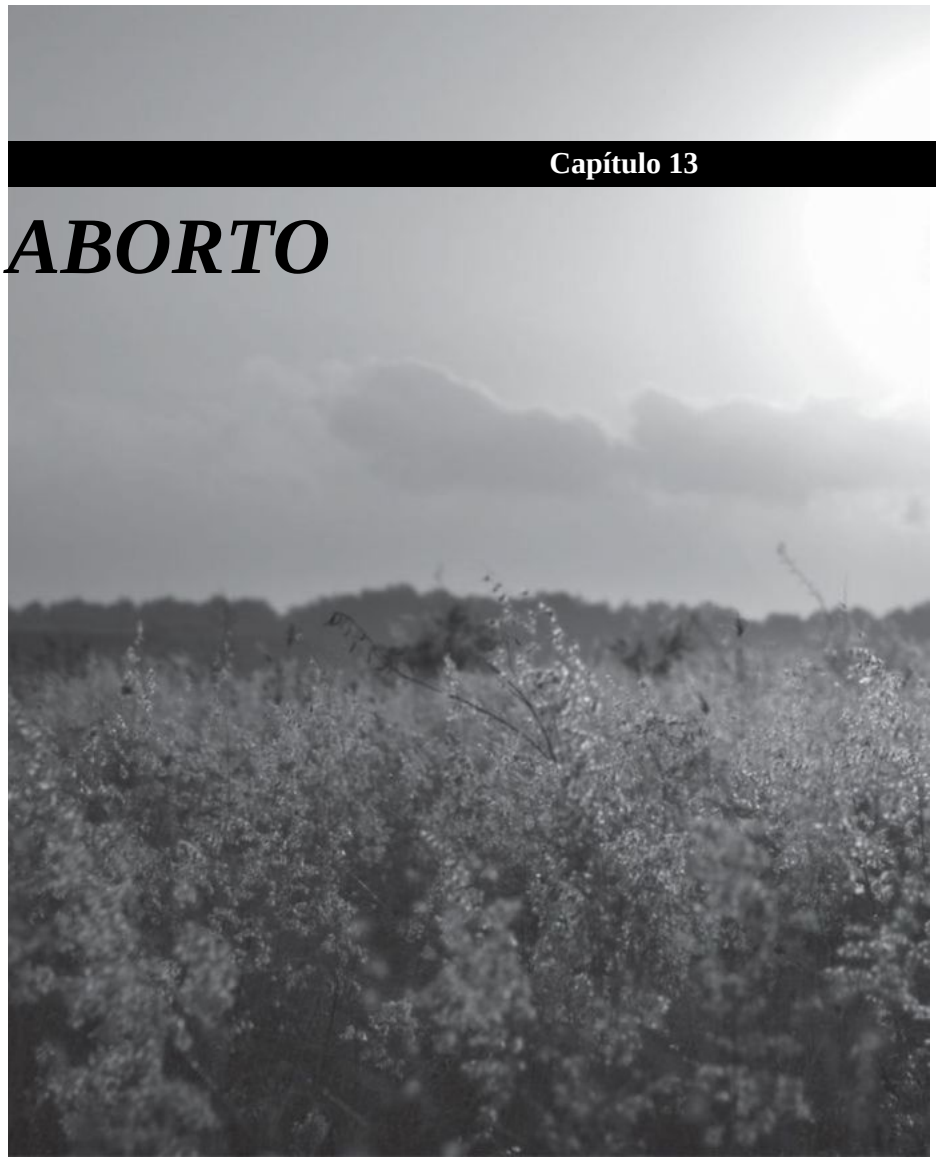
O espírito das pessoas suicidas merece nossas preces e nossa compaixão. sem julgamentos. Afinal, como ensinou Jesus: “Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra”. (34)

---

32 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 621.

33 Entre a Terra e o Céu, André Luiz; capítulo 31.

34 João 8, 3-7.



Capítulo 13

ABORTO



Tendo a mulher pleno direito sobre o próprio corpo, ela tem, também, o direito a excluir um feto?

Inquestionável é o direito da mulher sobre o próprio corpo, mas, não pelo corpo nem pela vida de outrem, mesmo estando momentaneamente dentro do ventre dela.

“A mãe ou qualquer pessoa cometerá sempre crime tirando a vida da criança antes de nascer, porque está impedindo a alma de suportar as provas das quais o corpo deveria ser o instrumento.” (35)

No instante da concepção inicia-se o processo da reencarnação (mais detalhes no capítulo 17). Quando esse procedimento é interrompido deliberadamente, caracteriza-se uma transgressão às leis divinas ou naturais.

A reencarnação de um espírito é algo potencialmente intrigante, envolvendo muitos elementos e situações das mais complexas. Passando da dimensão espiritual para a dimensão física, o espírito, na maioria das vezes, torna-se totalmente dependente da mãe durante a gestação. Interromper esse processo de forma abrupta e violenta causa, como não poderia deixar de ser, sérios traumas e perturbações à entidade reencarnante, tanto do ponto de vista psicossomático quanto, principalmente, psicológico.

Os laços de afetividade da mãe com o espírito do ser humano em gestação, na maioria das vezes, está ligado a um forte elo com o passado. Interromper essa oportunidade de reencarnação promove, quase sempre, fortes aversões e antipatias futuras. É importante ressaltar que estamos tratando estritamente do aborto voluntário ou deliberado, porque o aborto espontâneo ou natural tem outras causas, ligado a outros roteiros.

Quando se trata desse delicado assunto, atribui-se, quase sempre, a responsabilidade do ato à mulher. Todavia, esquecemo-nos de que, em

muitos casos, o pai ou companheiro tem tanta ou maior responsabilidade do que a mãe. Muitos sugerem, pressionam, torturam emocionalmente as companheiras e facultam meios ou medicamentos com esse fim. E ainda tentam se eximir de responsabilidades. Cada um responderá conforme o próprio comprometimento.

Nos dias atuais vemos uma forte publicidade a favor do aborto. Isso se deve, talvez, a uma sociedade extremamente individualista, caracterizada por comportamentos egoísticos e pela banalização do valor da vida, dos conceitos éticos, familiares e religiosos. É muito fácil ser a favor do aborto, estando plenamente vivo e encarnado.

Comumente, depois do aborto, tomando consciência do ato, o remorso ou a culpa torturam muitas das pessoas que o cometeram. Todos os espíritos, mesmo os mais perfeitos, um dia cometeram falhas. Os erros fazem parte do nosso roteiro de aprendizagem e de evolução. Uma vez detectada a falta, sempre é oferecida à pessoa uma nova oportunidade de reajustamento, seja na vida atual ou nas vidas futuras.

De acordo com a célebre frase de Chico Xavier: “Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo, mas qualquer um pode recomeçar agora e fazer um novo fim”, não adianta ficarmos presos ao passado, lamentando nossos erros.

Muitas mães que cometeram aborto, tempos depois se engravidaram e, em alguns casos, os mesmos espíritos rejeitados voltaram. Em outras situações, adotaram filhos ou foram trabalhar como educadoras de crianças ou em áreas afins.

Afinal, todos os dias o Sol renasce e novas perspectivas e esperanças se abrem nas divinas oportunidades da vida.

---

35 O Livro dos Espíritos, Allan Kardec; questão 358.

É MUITO

FÁCIL SER

A FAVOR DO

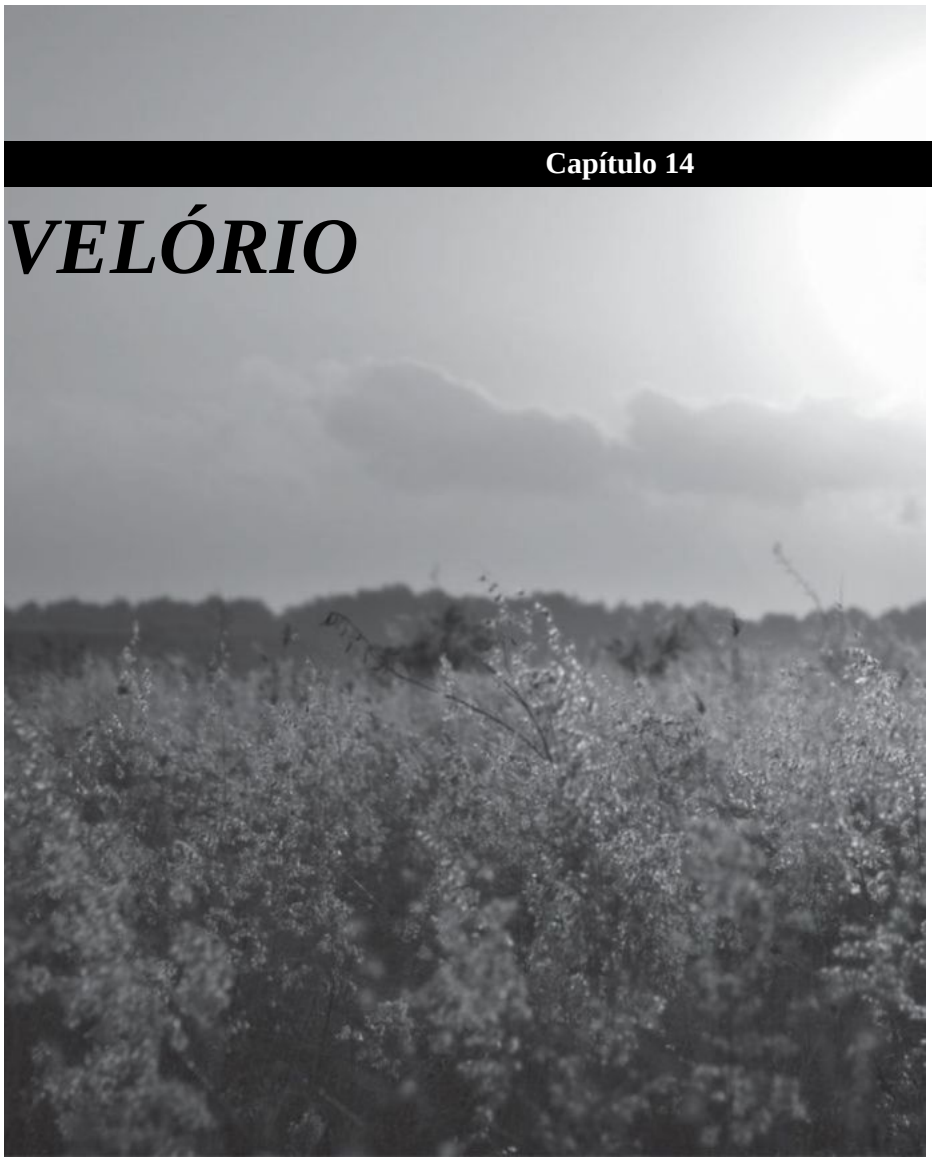
ABORTO,

ESTANDO

PLENAMENTE

VIVO E

ENCARNADO.



Capítulo 14

VELÓRIO



O objetivo dessa cerimônia, a princípio, seria o de se despedir do falecido, ao mesmo tempo que, o de confraternizar-se e de consolar-se com os familiares e os amigos. Na prática, isso está muito longe de acontecer. É impressionante a falta de compostura e de caridade da maioria das pessoas que participam dos velórios, que se transformam, em algumas circunstâncias, em um evento social e até político, dependendo de quem for a pessoa desencarnada.

Os assuntos, de um modo geral, são de caráter frívolo e até mesquinho. Conversa-se sobre tudo: futebol, política, moda, sexo e, às vezes, até se fala mal de quem deveria estar sendo velado.

Na medida em que se aproxima a hora do enterro, aumenta-se a quantidade de pessoas e, consequentemente, os ruídos das conversas. Os presentes, de um modo geral, não têm a mínima noção dos acontecimentos espirituais que, na grande maioria das vezes, se desenrolam naquele ambiente.

Como já abordado, a desencarnação começa logo após a morte do corpo. Esse processo pode demorar algumas horas ou até dias e é muito comum, ainda, no momento do velório, isso estar em trâmite. Imagine, então, a situação do desencarnado mediante um quadro tão conturbado: as conversas, os ruídos, a descompostura dos presentes, tudo isso gera um campo de energias pesadas e de emanações mórbidas, que influenciam negativamente, contaminando o ambiente e perturbando a transição do espírito para a definitiva libertação.

O que fazer então? Qual a postura correta num velório?

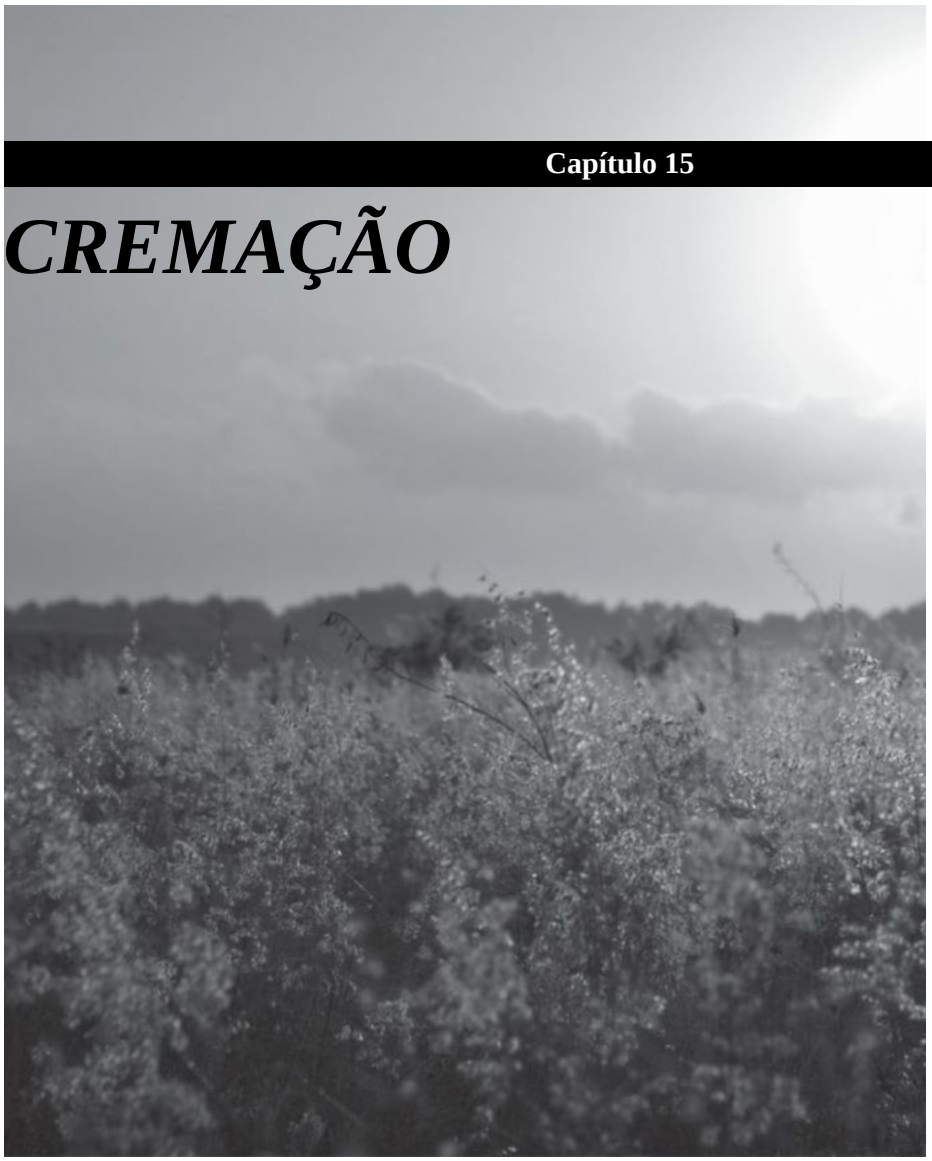
Ora, não é tão difícil de sabermos. Basta nos colocarmos no lugar da pessoa morta.

O que gostaríamos de ver em nossos velórios? Simples: respeito, solidariedade, fraternidade, expressões sinceras de gratidão, silêncio, preservar a língua de assuntos desagradáveis e, principalmente, meditações e preces sinceras de agradecimentos e de carinho.

Por incrível que pareça, quanto menos pessoas no velório, melhor. De preferência, a família e os amigos mais íntimos. Uma música suave e baixa, a leitura de um salmo ou de uma passagem evangélica, sem muitas ladainhas, lamúrias ou interpretações complicadas... Isso, se for do desejo e da crença da pessoa falecida, pois é preciso, acima de tudo, respeitar as convicções dela.

Se acaso a pessoa que está sendo velada for ateia, não é justo impor uma cerimônia religiosa ou coisa parecida.

Ou seja, a simplicidade e a objetividade, aliadas a uma postura fraternal, indubitavelmente são as formas mais simples e sadias de se agir num velório, respeitando sempre a dor da família e, principalmente, a caridade e o respeito para com o espírito da pessoa desencarnada.



Capítulo 15

CREMAÇÃO



Como ficaria a situação do espírito desencarnado com relação à cremação?

A cremação é uma prática muito antiga. Há muitas culturas tradicionais, como a dos hindus, em que esse ritual é muito comum.

Acredita-se que o fogo é um elemento purificador do espírito. A dificuldade em aceitar a cremação no Ocidente vem de algumas interpretações equivocadas dos textos bíblicos, que originaram um dogma religioso chamado de arrebatamento. Sugere-se, em algumas interpretações, que, no dia do Juízo Final, Deus julgará os vivos e os mortos, sendo que estes, para serem julgados, serão ressuscitados com os respectivos corpos, o que – convenhamos – é simplesmente um absurdo. Imagine-se a bagunça! Daqueles que morreram há séculos, os corpos simplesmente viraram pó e se desintegraram.

Essas citações bíblicas, assim como tantas outras, são alegorias que requerem uma interpretação mais racional e menos infantil.

Atualmente, a prática da cremação tem sido muito difundida e se tornou cada vez mais comum na nossa cultura. Do ponto de vista higiênico e econômico é, sem dúvida, o mais aconselhável. Do ponto de vista espiritual também não se vê maiores obstáculos. No entanto, por precaução, sugeri-se que se espere um tempo maior entre a morte biológica e a cremação (em torno de 72 horas), para que o desligamento ocorra integralmente.

Emmanuel nos diz o seguinte: “Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, postergando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre alguns ecos de sensibilidade entre o espírito desencarnado e o corpo, donde se extinguiu o tônus vital nas primeiras horas subsequentes ao desenlace, em vista dos

fluídos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material”. (36)

Antes ou depois da cremação, seria interessante a família fazer uma cerimônia simples entre os amigos mais íntimos para homenagear aquele que partiu, mantendo sempre a postura de respeito, a caridade e as preces sinceras, como expressão de amor e de auxílio ao ente querido.

---

36 O Consolador, Emmanuel; questão 151.

Capítulo 16

COMO PODEMOS AJUDAR ÀQUELES QUE PARTIRAM?





Uma das maiores dificuldades do espírito recém-desencarnado na readaptação dele ao novo mundo é a saudade dos entes queridos. Assim como sentimos falta deles, eles também sentem muitas saudades de todos e de quase tudo a que estavam acostumados no próprio cotidiano. O que ameniza um pouco essa saudade é reencontrar-se com parentes e amigos que já se foram.

Imaginemos mudarmos para um país distante e, por uma questão fortuita, não tivermos nenhum meio de comunicação, como correios, telefone, internet ou coisa do gênero, e, mais, estando nos adaptando a uma nova realidade, a novos costumes, a um novo círculo social, a uma nova alimentação. Realmente, para a maioria das pessoas a mudança não é simples, enquanto para outras pessoas é uma imensa felicidade, uma libertação. Depende – como já dissemos – do nível espiritual de cada um.

Um dos maiores agravantes para a infelicidade dos espíritos desencarnados são os pensamentos negativos gerados pelo desespero e, às vezes, pela revolta dos parentes, amigos ou pessoas amadas, que não aceitaram a perda do ente querido.

Esses pensamentos negativos geram uma psicofera de baixo teor vibratório, chegando até eles em forma de energias pesadas, nauseantes e deletérias, contribuindo de forma significativa para a infelicidade deles.

A perda daqueles a quem amamos, evidentemente, nos causa tristeza, dores e saudade, ou seja, o luto (não estou dizendo vestir-se de roupas pretas ou coisa parecida), que é aquele período de tempo para se acostumar com a perda, o qual é muito importante para todos. Passado esse tempo, que é muito peculiar a cada um, devemos voltar à nossa rotina.

O que de melhor podemos fazer para ajudar os amigos desencarnados é, sem dúvida, o exercício da saudade construtiva, ou seja, pensamentos de

amor e de carinho, cultivar as lembranças dos bons momentos vividos e, principalmente, as orações.

Lembrando-nos do que ensinou Jesus: “Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que se comprazem em orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas parem ser vistos pelos homens. Mas, quando quiserdes orar, entrai no vosso quarto e, estando fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo; e o vosso Pai, que vê o que se passa, vos recompensará”. (37)

Ou seja, as orações não precisam de publicidade, de intermediários, de pagamentos; não precisam de sacerdotes ou de templos e muito menos de serem terceirizadas, como no famoso “reza pra ele por mim”. Essa responsabilidade é estritamente nossa. Cabe a cada um, de forma muito simples e objetiva, entrar para o nosso quarto, ou seja, para o nosso mundo íntimo, fechar a porta para as influências exteriores, elevar o pensamento a Deus, elevando nosso padrão vibratório, e pedir; de preferência, que a Espiritualidade ajude àqueles a quem amamos a encontrarem a paz, a tranquilidade e a iluminação no novo mundo e na nova vida. Essas preces, quando feitas com sinceridade, serão transformadas em energias balsâmicas, reconfortantes e extremamente agradáveis ao espírito desencarnado, auxiliando-o, inclusive, no restabelecimento da saúde emocional e periespiritual.

É conhecida, em nosso meio espírita, uma história peculiar.

Certa vez fomos procurados por uma mãe de família que, após peregrinar por diversas instituições religiosas, aportou como último recurso em nosso Centro Espírita. Dizia ela: “Meu marido morreu há poucos meses e, até aquele momento, todos da casa sentiam a presença dele no ambiente familiar. Coisas estranhas, como barulhos, batidas de portas e janelas, objetos que, inexplicavelmente, caíam, sonhos com o falecido pedindo ajuda

e outros fenômenos aconteciam sistematicamente". Por isso, pedia ajuda na Casa Espírita, o que, obviamente, não lhe foi negado. Em determinada reunião mediúnica, devidamente balizada pelas propostas kardequianas, o dirigente da sessão expôs o fato aos mentores espirituais. Eis, então, que, através de um médium de psicofonia (fala mediúnica), o espírito em questão manifestou-se, relatando ter plena consciência de que havia desencarnado. Porém, as insistentes lamúrias, choros e revoltas da esposa e das filhas dele, que o chamavam sistematicamente, não o permitiam deixar aquele ambiente doméstico, sntindo-se perturbado e refém da própria família, que não aceitava a perda (um singular caso de obsessão de pessoas encarnadas por uma pessoa desencarnada). Aquilo – dizia o espírito desencarnado – trazia sofrimentos e terríveis angústias para ele, porque não podia auxiliá-las e muito menos ampará-las. Daí os fenômenos, uma radical tentativa de ser notado. Pouco tempo depois da reunião informamos àquela família sobre a comunicação mediúnica com o ente falecido e orientamos sobre a mudança de postura, as preces, a prática do culto no lar e a aceitação da perda, que deveriam acontecer urgentemente como auxílio a todos, principalmente ao morto. Apesar de extremas dificuldades no início, assim se sucedeu. Os fenômenos pararam de acontecer e, possivelmente, o espírito em questão voltou em paz ao mundo espiritual.

Depois de um determinado tempo, na medida em que aceitamos e compreendemos a perda dos entes amados, voltamos a restabelecer o contato com eles, sejam através dos pensamentos, das intuições, das comunicações mediúnicas, das preces e, principalmente, dos sonhos. Quando dormimos, nosso corpo espiritual se desdobra e, muito comumente, entramos em contato com os espíritos afins. Nem sempre mantemos lembranças nítidas dessas experiências, mas trazemos as intuições e os sentimentos desses reencontros e belos momentos vividos.

O que verdadeiramente importa é que jamais perdemos o contato com aqueles a quem amamos, compreendendo que a morte não é a cessação da vida, mas, sim, atividade transformadora da vida.

---

37 Mateus 6, 5-8.

Capítulo 17

REENCARNAÇÃO





A reencarnação é uma lei da natureza e não uma invenção do Espiritismo. Segundo as palavras de Allan Kardec, “o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos e das relações deles com o mundo corporal”. (38)

Portanto, a Doutrina Espírita tem como objetivo principal o entendimento e a compreensão das leis naturais, que agem no campo físico e no campo espiritual, e na correlação de ambos, tendo como finalidade a transformação ética e moral daqueles que conhecem o Espiritismo.

Diversas correntes filosóficas e espiritualistas acreditam na reencarnação. Os hindus, os budistas e a maioria das crenças orientais são reencarnacionistas.

Porém, nós, ocidentais, herdeiros da cultura judaico-cristã, temos dificuldades de aceitá-la ou de compreendê-la. Isso se deve a alguns aspectos culturais e históricos (que abordaremos mais à frente) e, principalmente, à falta de maturidade intelectual e espiritual das pessoas ocidentais, que são influenciados por séculos e séculos de materialismo, violências, dogmatismos e sectarismos religiosos.

O entendimento da reencarnação é fundamental para a educação e na fixação conceitual dos caracteres do ser humano, levando-o, naturalmente, à compreensão e à aceitação da morte.

Essas influências culturais – como já dissemos – geraram muitas dificuldades de entendimento e de aceitação do processo. Por isso abordaremos a questão em três aspectos, puramente didáticos:

1) no aspecto filosófico;

2) no aspecto religioso e histórico;

3) no aspecto científico.

Comecemos pelo aspecto filosófico.

Consideremos que as religiões e as crenças que acreditam na unicidade das existências estejam certas, ou seja, que só exista uma encarnação. Consideremos também – como propõem algumas dessas religiões – que o espírito seja criado no momento da concepção, que ele não exista antes desse instante. E ainda consideremos a hipótese dos ateístas e dos materialistas estarem corretos, ou seja, que não exista nada além da matéria, que se vive só uma vez e que, com a morte biológica, tudo acaba.

A partir disso, levantamos alguns questionamos.

- Qual sentido tem a vida?
- Que razões têm todas as paixões e provações, os laços de família, as amizades, os amores, as decepções, os conhecimentos adquiridos, as dores e as alegrias e a evolução espiritual, se tudo acabasse com a morte?
- Por que ainda as crianças são tão diferentes em variados aspectos comportamentais de caráter e de personalidade?

Tomemos como exemplo uma família com muitos filhos concebidos pelas mesmas matrizes biológicas (mãe e pai, evidentemente, apresentando as respectivas diferenças cromossômicas) e com os mesmos parâmetros sociais, culturais, educacionais e religiosos, que envolvem o ambiente familiar, ou seja, o ambiente externo – como sugere a Psicologia –, definindo a formação da personalidade e o caráter do indivíduo. No entanto, há personalidades tão diferentes e tão diversas! Uns são mais meigos, afetuosos e sensíveis; outros, mais rebeldes, irritadiços e impetuosos; uns, mais inteligentes e com habilidades artísticas ou científicas, como, por exemplos, para a música, as artes plásticas, a poesia ou literatura, ou para a

física, a matemática, a astronomia, a economia etc. Já outros, desprovidos de conhecimentos e de habilidades, são mais rústicos, primitivos e até com tendências criminosas.

Enfim, qual a origem de todas essas diferenças e diversidades?

Como o ser humano adquire essas tendências ou esses dons, se o espírito for criado – segundo algumas teorias – no momento da concepção?

Por que nascem crianças com deficiências físicas ou com terríveis provações?

Será um jogo do acaso da natureza ou um capricho da Divindade?

Será que Deus cria, deliberadamente, seres privilegiados e seres prejudicados?

Evidentemente que a razão não nos permite crer em um Deus parcial e, muito menos, maquiavélico.

O ser humano é, segundo o Espiritismo, o resultado de todas as respectivas experiências do passado e do presente e traz consigo as chamadas ideias inatas. O espírito, na própria trajetória evolutiva, adquire conhecimentos variados nas múltiplas reencarnações e esses conhecimentos são o patrimônio intelectual e espiritual dele, imperecíveis e incorruptíveis. São os chamados dons ou aptidões; ou a falta deles, quando o espírito ainda não os conquistou, porque ainda seja muito primitivo ou porque não aproveitou devidamente as oportunidades reencarnatórias.

“O verdadeiro valor do ser homem está no próprio íntimo, onde cada espírito tem a posição definida pelo seu próprio esforço. Nessa questão existe apenas uma igualdade absoluta de direitos dos homens perante Deus, que concede a todos os seus filhos uma oportunidade igual nos tesouros inapreciáveis do tempo.” (39)

Nos casos de deficiências físicas, são, provavelmente, as decorrências de momentos de insensatez e de loucura no passado que – registradas nos recônditos sutis da mente – se manifestam, na vida presente, na formatação do novo corpo físico, templo sagrado de manifestação do espírito, quando encarnado; ou, ainda, doenças congênitas que, inexplicavelmente, se manifestam, como, por exemplo, um câncer na fase infantil (são as chamadas predisposições mórbidas).

Como nos diz Chico Xavier: “Na reencarnação ninguém erra de endereço”. (40)

O corpo em que nascemos é aquele que melhor atende às nossas expectativas, às nossas necessidades e aos nossos merecimentos.

Imaginemos – como ainda propõem alguns – que o espírito encarnasse uma única vez e suponhamos, também, que, por um desatino qualquer, ele cometesse um ato impensado e se tornasse um criminoso (uma briga no trânsito, por exemplo, ocorrência à qual quase todos estamos sujeitos). Então, qual seria o destino desse espírito?

Dentro da visão religiosa tradicional, fatalmente seria o inferno eterno.

Questionamos ao leitor: isso seria justo? Uma única vida, uma única chance, uma única oportunidade, um grave erro e a condenação eterna ao suplício? Seríamos, com certeza, sérios candidatos a habitar os tenebrosos e intermináveis infernos.

Se, de fato, acreditamos num Deus bom, justo e misericordioso, fica difícil acreditarmos na teoria da unicidade da existência para cada ser humano, ou seja, uma única oportunidade de vida para conquistarmos toda a plenitude intelectual e espiritual.

De dedução em dedução, encontra-se no conceito da reencarnação a chave de todos os mistérios e de todas as aparentes anomalias e injustiças,

da vida material e da vida moral. O espírito tem quantas oportunidades forem necessárias para se corrigir, se intelectualizar e se espiritualizar. Esse é o objetivo primordial da reencarnação: prosseguir na evolução até alcançar a perfeição.

Segundo ainda sugere a Doutrina Espírita, “não só o espírito sobrevive, mas preexiste ao corpo; não é um ser novo; traz, ao nascer, as ideias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, preexistente e sobrevivente ao organismo. Esse ponto é capital; porque ainda não seja admitido, tantas questões continuem insolúveis”. (41)

Caminhando na linha do tempo e do espaço, o espírito imortal constrói, a cada jornada, com os próprios esforços, a história e o destino dele. De encarnação em encarnação desenvolve o cabedal intelectual, dilata o senso moral e caminha entre erros e acertos com destino à espiritualização máxima. “Nascer, morrer e renascer, progredir sem cessar; tal é a lei”. (42)

Vejamos, agora, a reencarnação sob o aspecto religioso.

Em nosso entendimento, o maior ícone religioso de todos os tempos foi Jesus. As ideias, os conceitos e os exemplos dele deram origem a uma nova filosofia e, posteriormente, a uma nova religião: o Cristianismo. A história moderna da humanidade está marcada, tanto do ponto de vista cronológico quanto espiritual, por antes e depois da encarnação de Jesus.

Será que esse grande Mestre abordou a reencarnação?

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” – que não é, evidentemente, o evangelho dos espíritas, mas, sim, a interpretação espírita de algumas passagens do Evangelho – podemos consultar o capítulo IV, intitulado “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”, ao qual, inclusive, convidamos os leitores para um estudo mais atento. Nele, os

orientadores espirituais instruem Allan Kardec exatamente sobre as passagens em que Jesus se refere à reencarnação, respeitando, como de costume, a linguagem usada na época e o momento evolutivo das criaturas, falando por meio de parábolas e buscando, como sempre, o entendimento pelo espírito que vivifica e não pela letra que mata.

Abordemos, a seguir, três dessas parábolas.

1ª - "Os discípulos interrogaram Jesus, perguntando: – Por que, pois, os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e restabelecer todas as coisas; mas eu vos declaro que Elias já veio, e não o conheceram, mas o trataram como lhes aprouve. É assim que eles farão sofrer o Filho do Homem. Então, os discípulos compreenderam que era de João Batista que lhes havia falado." (43)

- De acordo com essa passagem, os escribas (os doutores que ensinavam as leis de Moisés) anunciavam que Elias – que vivera no século IX antes de Cristo – voltaria para restabelecer todas as coisas, ou seja, para anunciar a vinda do Salvador, do Libertador das consciências, do Messias, que era, evidentemente, Jesus. Ora, se Elias já havia vivido há mais de oitocentos anos antes de Cristo e já estava morto há tanto tempo, como ele voltaria? Evidentemente que em outro corpo, com outro nome, porém, o mesmo espírito: o de Elias.

E continua Jesus: "Elias já veio e não o conheceram, mas o trataram como o aprouve". É assim que farão sofrer o Filho do Homem".

Jesus confirma que Elias já tinha voltado e que "eles", além de não o terem conhecido, fizeram-no sofrer e o mataram, cortando-lhe a cabeça, assim também como fariam sofrer a ele próprio, Jesus.

E finaliza a passagem: “Então, os discípulos compreenderam que era de João Batista que lhes havia falado”, confirmando, assim, de forma peremptória, clara e inequívoca, que João Batista era a volta, ou melhor, a reencarnação de Elias.

Vejamos outra passagem.

2ª - “Ora, havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos judeus, que foi à noite encontrar Jesus e disse a ele: Mestre, sabemos que viestes da parte de Deus para nos instruir como um doutor; porque ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estivesse convosco.

Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo que ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo.

Nicodemos disse: Como pode nascer um homem que já está velho? Pode entrar ele no ventre da própria mãe para nascer uma segunda vez?

Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo que, se um homem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito. Não vos espanteis com o que eu vos digo, que “é preciso que nasçais de novo. O espírito sopra aonde quer e ouvis a sua voz, mas não sabeis de onde ele vem e para onde ele vai. Ocorre o mesmo com todo o homem que é nascido do espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como isso pode se dar?

Jesus disse: Quê? Sois mestre em Israel e ignorais essas coisas? Em verdade, em verdade, vos digo que não dizemos senão o que sabemos e que não testemunhamos senão o que vimos; e, entretanto, vós não recebeis

nosso testemunho. Mas, se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como crereis quando vos falar das coisas do Céu?” (44)

- Esta é uma das mais objetivas e significativas passagens evangélicas concernentes à reencarnação.

Nicodemos era um senador dos judeus que, intuitivamente, compreendia a natureza divina da missão de Jesus. Ele foi à noite estar com Jesus, porque, como dizem, à noite todos os gatos são pardos. Como ele era uma figura pública, não queria se expor. Por isso foi na calada da noite. Chegando lá, fez questão de expressar a admiração dele por Jesus, dizendo: “Sabemos que viestes da parte de Deus para nos instruir como um doutor; porque ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estiver convosco”. Jesus, então, lhe ensina que ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nascer de novo.

Podemos interpretar “o Reino de Deus” como a evolução espiritual, a paz interior ou mesmo as regiões etéreas, habitadas pelos espíritos superiores, ou seja, o Céu na interpretação religiosa tradicional. Para entrar nessas regiões ou para conquistar a espiritualização e a paz de espírito, é necessário nascer de novo.

Nicodemos, ainda confuso, perguntou: “Como pode um homem, que já está velho, entrar no ventre da mãe para nascer uma segunda vez?”

Nicodemos, pela falta de compreensão e de maturidade espiritual, interpretou a questão como de natureza puramente física, material.

Eis que Jesus, pacientemente, esclareceu a ele: “Se um homem não renascer da água e do espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito”.

A água – conforme os antigos – é um elemento primário gerador da vida, Segundo essa crença, que não está de toda errada, toda vida material

nasceu da água. Portanto, ela representa a matéria que é diferente do espírito. E, não como se diz no batismo – que é exatamente um ritual –, que ela simboliza a transformação, a renovação do espírito através da experiência na matéria.

E Jesus complementou: “O que é nascido da carne é carne”, ou seja, a carne surge, no processo biológico, a partir do instante da concepção, quando o espermatozóide penetra o óvulo e o fecunda; a partir daí surge o zigoto, a primeira célula; e, mediante os processos naturais, o corpo se desenvolve no ventre da mãe até o nascimento, trazendo toda a herança hereditária nos processos genéticos.

No exato instante da concepção, o espírito, que já existia, passa, assim, da dimensão espiritual para a dimensão física, dando-se início a reencarnação.

Quando Jesus diz: “O que é nascido do espírito é espírito”, ele quer dizer, claramente, que há uma distinção positiva entre o espírito e o corpo; que o espírito já pré-existia e que ele procede de si mesmo e não do corpo, trazendo consigo todas as heranças espirituais, a personalidade, as aptidões ou os dons, o caráter, as imperfeições morais e até o registro das chamadas pré-disposições mórbidas, que são impressas na matéria durante a formação do corpo, durante a união do espírito com o corpo.

Nas palavras seguintes, mais confirmações de Jesus com relação à reencarnação.

“O espírito sopra aonde quer”, ou seja, o espírito, obra-prima do Criador, quando está no plano espiritual sabe, de antemão, das próprias necessidades evolutivas; ele sabe aonde, como e com quem deverá soprar, ou seja, se reencarnar.

“Ouvis a voz dele” – a voz do Criador – na consciência íntima e na intuição presentes no subconsciente de todas as experiências pretéritas.

“Mas não sabeis de onde ele vem”, ou seja, quando encarnado, o ser humano é refém da própria estrutura somática e dos sentidos básicos. Por isso, não sabe exatamente e não se lembra de onde vem, como já havíamos ressaltado em capítulo anterior sobre o esquecimento do passado, que é uma autodefesa psicológica.

Finalmente: “e para onde ele vai”. Estando encarnado aqui, neste planeta, o espírito não tem certeza do respectivo destino, o qual dependerá, basicamente, das atitudes e do modo como ele viver a própria vida na Terra. Somente após o desencarne ele se ajustará vibracionalmente à região que lhe é compatível (como também já estudado).

Somente atingiremos as regiões etéreas mais sublimes quando conquistarmos nossa evolução nos processos múltiplos da reencarnação.

Como afirmou o Mestre por excelência: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”.

Várias vezes de novo, até a máxima espiritualização.

Ainda, uma outra parábola sobre a reencarnação.

3ª - “Jesus, tendo vindo para os lados de Cesaréia de Felipe, interrogou os discípulos e disse a eles: – Que dizem os homens quanto ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?

Eles lhe responderam: – Alguns dizem que sois João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou alguns dos profetas.

Jesus lhes disse: – E vós outros, que dizeis quem eu sou?

Simão Pedro, tomando a palavra, disse: – Vós sois o Cristo, o Filho de Deus Vivo.

Jesus respondeu-lhe: – Sois bem-aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai, que está nos céus.” (45).

- Nessa passagem fica evidenciado que os judeus, mesmo com todo o dogmatismo e o formalismo deles, tinham uma clara percepção da reencarnação.

Vejamos:

“Que dizem os homens quanto ao Filho do Homem?” Ou seja, o que dizem as pessoas sobre ele próprio, Jesus.

Eles, então, responderam: “Alguns dizem que sois João Batista”.

Ora, João Batista foi contemporâneo de Jesus e alguns que não o haviam conhecido, mas ouviram falar dele, sugeriram que Jesus seria a reencarnação dele, o que, convenhamos, seria impossível, porque viveram no mesmo tempo.

“Outros, Elias.” Outros diziam, porém, que Jesus seria a volta de Elias, que, como já dissemos anteriormente, vivera há nove séculos antes de Jesus.

“Outros, Jeremias.” Muitos afirmavam, ainda, que Jesus seria a volta do profeta Jeremias, que vivera seis séculos antes.

“Ou alguns dos profetas.” Outros diziam, também, que Jesus seria a reencarnação de alguns dos antigos profetas.

Tanto na opção de Elias, quanto na de Jeremias ou na de alguns dos antigos profetas, tecnicamente falando, a reencarnação seria possível.

Não obstante, Pedro, assumindo a palavra, disse: “Vós sois o Cristo, o Filho do Deus Vivo”.

Pedro afirmou convictamente que Jesus não era a reencarnação de nenhum desses citados, nem de João Batista, nem de Elias, nem de Jeremias e muito menos de nenhum dos antigos profetas, porque Jesus era o Cristo. Ou seja, Jesus é um espírito altamente evoluído, já na escala do nível crístico. Pedro ainda deixa a entender que Jesus nunca houvera se reencarnado neste planeta – o que baliza, inclusive, a visão espírita – e que a trajetória de evolução de Jesus se deu em outros lugares e em outros tempos, ideia esta compactuada pelo espírito de Emmanuel no livro “A Caminho da Luz”.

Jesus, finalmente complementando, disse: “Sois bem-aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus”.

Aqui Jesus deixa claro que a resposta de Pedro estava certa e, mais, que não foi nem a carne nem o sangue dele que a revelou, ou seja, que não foi o corpo físico de Pedro. Jesus, então, se refere de forma inequívoca à faculdade mediúnica de Pedro, o mecanismo que possibilita ao espírito do ser humano encarnado a comunicação com o mundo espiritual.

Pedro se fez médium de Deus, ou melhor, da Espiritualidade superior, quando ele, mediunicamente, respondeu corretamente à pergunta de Jesus.

Ainda também no Antigo Testamento, podemos encontrar várias passagens concernentes à reencarnação, como, por exemplo, no ensinamento de Jeremias: “Antes que te formaste no ventre, te conheci; e antes que saíste da madre, te santifiquei. Às nações te dei por profeta”. (46).

Ora, se antes de se formar no ventre o havia conhecido, é que, obviamente, o espírito em questão já pré-existia. Existindo antes de nascer, ele já possuía uma história, a qual, naturalmente, provinha de outras experiências, ou seja, de outras reencarnações.

E assim, em muitas outras citações do Antigo Testamento, pode-se perceber, mesmo que de uma forma velada, superficial ou metafórica, referências à reencarnação.

Ora, se em Jesus encontramos alicerce suficiente para entendermos a reencarnação, por que as religiões ocidentais, oriundas do cristianismo primitivo, não a aceitam?

Alguns acontecimentos históricos importantes, como violências extremas, perseguições e ignorância, criaram barreiras psicológicas para o entendimento da reencarnação. Nos primeiros anos do Cristianismo a proposta de Jesus era vivida e difundida de uma maneira simples, rica e, muitas vezes santificante pela maioria dos divulgadores e discípulos da boa nova. Com o passar do tempo a doutrina do Cristo fez cada vez mais adeptos e começaram a surgir as primeiras lideranças e, conseqüentemente, nasceu a necessidade de organizar e estruturar a nova religião. Um dos primeiros e mais respeitados líderes e pensadores da Igreja foi Orígenes. Homem inteligente e astuto, ele estruturou e organizou os primeiros estudos e as primeiras interpretações dos Evangelhos, que, com o passar do tempo – como seria natural –, sofreram alterações e interpretações diversas. Dentre as interpretações dos textos originais, Orígenes compreendia e aceitava a pré-existência da alma, ou seja, que, antes de nascer, o espírito já existia: o conceito de reencarnação.

Para se organizar melhor, a Igreja instituiu os Concílios, encontros eclesiásticos que acontecem esporadicamente para discutir e deliberar sobre questões doutrinárias, de fé e de costumes. Esses concílios sofrem grande influência de natureza cultural, política, financeira e, costumeiramente, de interesses pessoais.

No ano de 325 foi realizado o Concílio de Niceia, no qual se institui a “Divindade do Cristo”, ou seja, que Jesus seria o próprio Deus encarnado, contrariando, inclusive, os textos evangélicos, em que Jesus afirmou taxativamente que: “Eu vim de meu Pai”, “Eu pedirei ao meu Pai”, “Eu voltarei ao meu Pai”. Ou seja, Jesus nos deixou claro que ele é filho de Deus e que ele não é o próprio Deus. Venceram os interesses políticos, porque, para os líderes da época – dentre eles o imperador Constantino – era mais interessante ter como líder religioso o próprio Deus e não o Filho Dele, como, inclusive, era tradição na cultura greco-romana; daria, assim, mais autoridade e respeito à nova ordem religiosa.

Ainda hoje, numa tradicional oração, observamos: “Ave Maria, mãe de Deus” (...).

Ora, respeitosamente, se Deus tem uma mãe, gostaria de saber quem seria o pai de Deus. Provavelmente seria um Ser mais poderoso do que Ele próprio!

Outro concílio muito controverso foi o V Concílio Ecumênico de Constantinopla, realizado entre os dias 5 de maio a 2 de junho do ano de 553. Dirigido pelo papa Virgílio, nele foram discutidos vários assuntos, incluindo a preexistência da alma. Dentre alguns acontecimentos controversos e obscuros – e, segundo alguns historiadores, com a influência do imperador Justiniano I e da imperatriz Teodora –, tal ideia, para atender aos caprichos pessoais da imperatriz, teria sido retirada e banida definitivamente dos textos evangélicos.

Outros tantos acontecimentos e interpretações vieram posteriormente, atendendo a interesses dos mais escusos e retirando, gradualmente, o conceito de reencarnação dos textos originais da Igreja e dos futuros cismas.

Tudo isso gerou, com o passar do tempo, uma barreira psicológica nas coletividades ocidentais para entenderem e aceitarem a reencarnação, que

deveria ser um conceito simples e natural.

Ás vezes, para alguns de nós, é melhor agir como o avestruz: colocar a cabeça entre as asas e ficar no escuro. É mais cômodo não querer enxergar o que se passa!

A reencarnação e os fenômenos espíritas sob a abordagem científica.

Segundo o conceito de Ciências do fundador do Positivismo Auguste Comte, ela se constitui em seis fases: 1) a Matemática, a mais antiga, simples e abstrata; 2) a Astronomia, que decorre da Matemática; 3) a Física, que decorre de ambas; 4) a Química, que decorre das precedentes; 5) a Biologia, que aglutina a Física e a Química; 6) e a Sociologia, que é a mais complexas das ciências, porque decorre do comportamento humano. (47)

Para Comte, a Psicologia não é uma ciência, pois que a alma se explica como simples consequência do dinamismo humano.

Para Allan Kardec, no entanto, Comte limitou-se ao plano existencial, ao secular, ao positivismo.

A Ciência Espírita transcende os limites físicos para buscar uma visão psicológica e abstrata da alma, não deixando, porém, de levar em conta os métodos positivistas de observação e de experimentação. “Até então acreditava-se que esses métodos somente eram aplicáveis à matéria, porquanto eles também são aplicáveis às coisas metafísicas”, afirmou o codificador do Espiritismo. (48)

A ciência acadêmica positivista tem dificuldades de analisar, explicar e aceitar as questões de natureza espiritual, porque tem como objetivo, a matéria. Mas a ciência espírita já rompeu com esses limites e nos permite

entrar e desvendar esse vasto universo, porque tem como objetivo, não só a matéria, mas também e, principalmente, o espírito.

Diversos cientistas, pesquisadores e literatos conseguiram romper com os fundamentalismos e preconceitos acadêmicos, conseguindo penetrar, também, nesse universo espiritual sem deixar de lado a análise crítica e a perspectiva positivista. Entre muitos nomes respeitáveis, contam-se: Thomas Edson, Professor De Morgan, Professor J.J. Mapes, Barão Carl du Prel, Dr.William Crookes, Alexander Akasakof, Alfred Russel Walace, Olivier Lodge, Arthur Conan Doyle, Dale Owen, Gustave Geley, Gabriel Dellane, Allan Kardec, Cammille Flamarion, Frederic Zöllner, Professor Friese, Professor Charles Richet, Dr. Ochorowicz, Victorien Sardou, Coronel De Rochas, Professor Willian James, Dr. Richard Hodgson, Lord Rayleigh, Professor Hyslop, Professor Barret, Dr. Schrenck Notzing, Madame Bisson, Frederic Myers, Willian Stainton Moses. A famosa escola italiana de pesquisadores: Dr. Schiaparelli, Cesare Lombroso, Ermancora, Ernesto Bozzano, Pictet, Foa, Porro, Brofferio, Bottazzi, Morselli, Chiaia, Pic, Gerosa, e mais recentemente, Dr. Ian Stevesson, dentre vários outros.

Em 20 de fevereiro de 1879, em Londres, foi fundada, por alguns desses pesquisadores, a Society for Psychical Research (Sociedade de Pesquisas Psíquicas), constituída com o objetivo de pesquisar ou – quem sabe? – desmascarar os chamados fenômenos espíritas e, consequentemente, o próprio Espiritismo.

Depois de muitos anos de pesquisas com diversos médiuns e de muitas controvérsias e polêmicas, a sociedade – muitas vezes influenciada pelo forte preconceito acadêmico à temática espírita–, ao invés de desmascarar ou desmoralizar o Espiritismo, veio, exatamente, a ratificá-lo.

Vejamos o relato de Sir Arthur Conan Doyle no livro “A História do Espiritismo”.

“Podemos considerar a Sociedade de Pesquisas Psíquicas como excelente amiga. Ela se pôs ao trabalho assíduo e intensamente provou nossa tese – se é que provas eram necessárias – à saciedade. Em primeiro lugar temos nosso amigo Mr. F.W.H. Myers, cuja memória todos veneramos. Não nos esqueçamos de que Mr. Myers declarou plenamente que havia chegado à conclusão de que a hipótese espírita era a única admissível para explicar os fenômenos que havia testemunhado. Depois vem do doutor Hodgson. Todos quanto conhecem o assunto de longa data se lembram de o quanto ele perseguia tenazmente os que professavam o Espiritismo, em um autêntico Saulo a perseguir os cristãos. E ele próprio, por força da investigação dos fenômenos que se davam em presença de Mrs. Leonora Piper, veio para o nosso lado e, honestamente, destemerosamente, declarou-se convertido à hipótese espírita. E agora, nos últimos dias, tivemos um notável volume de autoria do professor Hislop, da Universidade de Colúmbia, New York, publicado pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas – um livro de 650 páginas –, mostrando que, também ele, um vice-presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquicas, está convencido de que a hipótese espírita é a única capaz de explicar os fenômenos de que ele foi testemunha.” (49)

William Crookes, inventor do radiômetro e dos tubos de crookes, descobridor do tálio e precursor da descoberta dos raios catódicos – quando os fenômenos espíritas se popularizaram na Europa durante a segunda metade do século XIX –, também investigou e pesquisou por anos a fio o assunto. Como Tomé, tocou os fenômenos com os dedos e teve a coragem, apesar das pesadas críticas, de sustentar a realidade deles. Foram inúmeras sessões de materializações de espíritos que aconteceram na casa de William Crookes, através, principalmente, da médium Florence Cook. Movido pelo espírito investigativo e pelo senso científico, Crookes se cercava de extremos cuidados para não deixar-se enganar. Chamava pessoas de

relevância na sociedade inglesa, as quais, depois de diversas experiências – inclusive de materializações de espíritos –, eram convidadas a assinar atas para testemunhar o ocorrido. Chegava ao extremo, por precaução, a amarrar a médium pelos braços e pernas para evitar embustes. Nessas inúmeras sessões materializava-se o espírito de Kate King. Através do ectoplasma doado pela médium fazia-se visível e tangível o corpo fluídico daquele espírito, que andava, conversava e deixava-se tocar pelos presentes. Parte dessas experiências – que comprovam a existência do corpo espiritual e da imortalidade da alma – está documentada em muitas fotografadas, fazendo parte do acervo histórico, disponível em livros e também na Internet. Infelizmente, após a morte de Crookes, grande parte dos documentos foi destruída num incêndio deliberado por opositores das ideias espíritas.

Muitas outras experiências aconteceram na mesma época, em vários países, com muitos outros médiuns, dentre os quais, um dos mais famosos foi o escocês Daniel Dunglas Home, chamado de “Rei dos Médiuns”. Daniel tinha variadas faculdades mediúnicas, como a levitação, a transposição de obstáculos físicos (paredes, por exemplo), a manipulação de objetos à distância e outras. Ele conduziu centenas de sessões espíritas por mais de 35 anos, das quais participaram muitos pesquisadores da era vitoriana, sem nunca ter sido considerado conclusivamente como uma fraude. Segundo informação respeitável, D.D Home, estaria na atualidade encarnado no Brasil, como um conhecido médium e orador espírita.

Outra notável médium, que viveu na mesma época, foi a escritora inglesa Elizabeth D’Esperance. Espetacular médium de efeitos físicos, de materialização, de psicografia e de desenhos (a psicopictografia), Madame D’Esperance – como era conhecida – teve a própria mediunidade como objeto de pesquisa do físico alemão Friedrich Zöllner e de Alexander Aksakof, o qual, inclusive, rendeu um alto tributo a ela como mulher e médium.

A também famosa médium italiana Eusápia Palladino foi pesquisada pelo doutor Hereward Carrington e pelo professor Morselli em mais de 39 sessões (pesquisas relatadas no livro “Eusápia Palladino and her Phenomena”) e, também, em Roma, no ano de 1894, pelos conceituados pesquisadores doutor Scherenck Notzing, pelo professor Lombroso e por Charles Richet, atestando a veracidade dos fenômenos da médium.

Johan Carl Friedrich Zöllner era professor de Física e de Astronomia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, e gozava de grande reputação no meio científico. Por muitos anos pesquisou os fenômenos espíritas na companhia de outros acadêmicos. Dentre eles, Willian Edward Werber, também professor de Fsica, o filósofo e naturalista Scheibner e o matemático Gustave Theodore Fechner. As diversas pesquisas de Zöllner com o médium estadunidense Henry Slader ficaram famosas e muitas delas estão relatadas no livro dele “Física Transcendental”, desenvolvendo a teoria da quarta dimensão: “Estamos perfeitamente convencidos da realidade dos fatos observados, inclusive de que não havia impostura ou prestidigitação. Entre os fenômenos contavam-se os nós dados numa corda sem fim, o desaparecimento e, depois, o reaparecimento de uma pequena mesa, descendo do teto em plena luz, numa casa particular e debaixo de observação, notando-se, principalmente, a aparente imobilidade do médium doutor Slade durante essas ocorrências”. (50)

Para Zöllner, tais ocorrências – principalmente a dos nós nas cordas sem fim – só seriam possíveis a seres de um espaço de quatro dimensões, que, em datas circunstâncias, pudessem atuar de modo físico em nosso mundo material de três dimensões.

Para o espanto da comunidade científica, após anos de pesquisas Zöllner declarou-se espírita, abertamente.

Ainda naquela época, ocorreu o aparecimento de muitos outros médiuns espetaculares: as irmãs Fox (Kate, Margareth Fox-Kane e Lia Fox, protagonistas do famoso episódio da família Fox, de Hadysville, nos Estados Unidos da América), os irmãos Eddy, os irmãos Davemport, o reverendo W. Stainton Moses, Willian Eglinton, Frank Kluski, Mrs. Hayden, Osborne Leonard, George Valiantine, Mrs. Wriedt, C.H. Foster, Jonson, Dr. Monck, Madame Blavatsky, Miss Ada Bessinet, Eva Powel, Mrs. Pruden, a polonesa Stanislawa, o também polonês Jean Guzik, Mrs. Guppy, Mrs. Marshall, Mrs Everitt, J.R. Newton, Lottie Fowler e Mrs. Mellon (extraordinária em materializações e em fenômenos físicos). Os médiuns italianos Politi, Carancini, Zuccarini, Lúcia Sordi, e especialmente Linda Gazzera. Sloan e Phonix de Glasgow. Mrs. Falconer, de Edimburgo. Os americanos: Susanna Harris, Mrs Wagner, Jonhn Ticknor, dentre tantos mais.

Alexander Aksakof, honorável diplomata russo, conselheiro do Tzar Alexandre III, doutor em Filosofia e professor na Universidade de Leipzig, foi um dos mais célebres e competentes estudiosos dos fenômenos psíquicos. Durante muitos anos ele estudou e pesquisou, sempre observando os métodos científicos, as experiências com esses médiuns e os fenômenos espíritas, e os traduziu para livros, dentre os quais, a famosa obra “Animismo e Espiritismo”. Ele também foi redator do jornal “Psychische Studien”.

No Brasil, principalmente no início do século XX, surgiram muitos médiuns notáveis: José Arigó, Francisco Peixoto Lins (o ‘Peixotinho’, espetacular médium de materialização de espíritos, sobre o qual há relatos no livro “Materializações Luminosas”, de Rafael Ranieri, com algumas fotografias disponíveis na Internet), Francisco Cândido Xavier (o mais célebre dos médiuns brasileiros) e outros.

Chico – como Francisco Cândido Xavier era carinhosamente chamado – deixou, além de uma vasta obra de amor e de caridade, uma substancial obra literária, com mais de quatrocentos livros escritos mediunicamente de acordo com vários autores espirituais.

Dos livros psicografados por Chico Xavier já foram vendidos, aproximadamente, quarenta milhões de exemplares (todos os recursos financeiros referentes aos direitos autorais continuam a ser doados a entidades sociais e à Federação Espírita Brasileira), material esse a ser explorado pelos pesquisadores e estudiosos do Espiritismo por muitos e muitos anos.

Não podemos deixar de ressaltar que, naquele período, houve embusteiros que tentaram usar a mediunidade como um "jeito" de ganhar notoriedade e dinheiro. Muitos charlatães usavam de meios escusos para explorar a credulidade pública. Os falsos médiuns causaram grandes prejuízos aos verdadeiros e bem intencionados médiuns e ao próprio Espiritismo. A fórmula pela qual Allan Kardec sugeriu para se prevenir contra eles, é a mesma que Jesus ensinou: "Daí de graça o que de graça recebeste", ou seja, um verdadeiro médium não cobra um centavo sequer pelo seu dom.

Por que todas essas manifestações mediúnicas e o surgimento de tantos médiuns se concentraram no período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX? E por que, atualmente, esses fenômenos não acontecem com tamanha intensidade?

Pois bem! Aquele período foi chamado pelo escritor Arthur Conan Doyle (criador do personagem "Sherlloch Homes" e respeitado espírita) de "A Invasão Organizada dos Espíritos". Foi o período das manifestações físicas, arquitetado pelo plano espiritual, tendo como objetivo o despertar da

comunidade científica, acadêmica e, também, do público em geral para o nascimento da Filosofia Espírita, conforme os conceitos básicos dela: a imortalidade da alma e a reencarnação. Hoje, aquilo tudo não é mais necessário, apesar de ser ainda muito comum de ocorrer.

O mais importante agora é o despertar da razão através do entendimento, das pesquisas e da análise crítica para o novo período em que a humanidade se adentra: o amadurecer das consciências, a "Era do Espírito".

As experiências de quase morte – EQMs.

As "EQMs" – experiências de quase morte, ou, conforme o idioma inglês, "Ndes", "near-death experiences" – são fatos relatados em toda a história e, praticamente, em todas as culturas. Um dos mais antigos relatos de EQMs está no livro "A República", de Platão.

No final do século XIX o psicólogo francês Victor Egger publicou o livro "Le Moi des Mourants", um dos primeiros tratados sérios e científicos sobre o assunto.

Porém, foi com o psiquiatra e parapsicólogo estadunidense Raymond Moody, com o "best seller" dele, intitulado "Vida Depois da Vida" (1975), e com os trabalhos e as pesquisas da doutora Elizabeth Kubler-Ross e do doutor Ian Stevenson, que o assunto despertou o interesse da comunidade científica e do público em geral.

Apesar de não haver consenso científico, porque muitos cientistas atribuem tais fenômenos a alucinações – o que, convenhamos, é uma solução simplista e reducionista de um tema tão complexo –, as evidências, mediante os relatos de milhares de pessoas que passaram por tais experiências, apontam para um outro caminho.

Em 1981 o Instituto Gallup apontou que oito milhões de estadunidenses já tiveram experiências de quase morte. Imagine-se isso em nível mundial!

Nos estudos de Elizabeth Kubler-Roos, muitas pessoas que estiveram entre a vida e a morte, por acidente ou durante algum período de doença grave ou em estado de coma, relatam uma série de sentimentos comuns após voltarem dessas experiências, dentre os quais, a sensação de viajar através de um túnel luminoso no final (experiência do túnel), a ampliação das percepções sensoriais (visão ampla de 360 graus), o contato visual com seres espirituais, a impressão de estar em um corpo distinto do próprio corpo físico, a sensação de estar flutuando acima do próprio corpo físico, um sentimento de paz interior etc.

A maioria das pessoas que passaram por essas experiências vivenciou, posteriormente, uma radical mudança psicológica e comportamental. Sentimentos do tipo: perda do medo da morte; pensamentos otimistas, de generosidade, afetividade e amor ao próximo, vontade de ajudar em causas sociais, despertar para a religiosidade e valorização da vida; ainda, a maioria delas passou a crer na vida após a morte e na reencarnação. Enfim, são vários sentimentos análogos.

De acordo com a perspectiva espírita, entendemos esses fenômenos com inteira naturalidade. Trata-se de um processo mediúnico comum, mediante o qual cada pessoa – dentro de um quadro de merecimento ou de objetivos em particular – é acometida por problemas de saúde ou por algum acidente, mas não está ainda, naquele momento, preparada para desencarnar.

A pessoa, então, põe o pé, literalmente, no outro lado.

O túnel descrito pela maioria das pessoas que vivenciaram a EQM corresponde à transição entre a dimensão física e a dimensão espiritual. De

fato, gera-se a sensação de estar passando por um portal ou túnel.

Havendo permanecido temporariamente no limiar dessas dimensões, o espírito, retém consigo as lembranças desses lugares, relatando, às vezes, minuciosamente, o contato com os espíritos desencarnados que viram e/ou com os quais se comunicaram e as sensações espirituais vivenciadas: médicos conversando e tentando socorrê-lo; vendo e/ou ouvindo parentes encarnados dialogarem entre si; sentir o corpo espiritual desprender-se do corpo físico; ver e/ou ouvir por todos os lados; locomover-se pelo hospital, entrando em outros quartos...

Enfim, são vários os fenômenos relatados com uma quase incrível analogia e todos eles podem ser explicados de acordo com a óptica espírita e as leis da natureza.

Essas experiências de quase morte – bem compreendidas e estudadas – fortalecem os princípios da imortalidade da alma, dos planos espirituais, do corpo espiritual e, também, da reencarnação.

As pesquisas do doutor Ian Stevenson.

Ian Pretyman Stevenson, psiquiatra canadense, foi, sem dúvida, um dos mais competentes pesquisadores sobre o tema da reencarnação sob a perspectiva científica. Ele foi o fundador das modernas pesquisas científicas sobre a reencarnação, a mediunidade, as experiências de quase morte, a xenoglossia (faculdade mediúnica de falar, espontaneamente, em língua[s] que não fora[m] previamente aprendida[s]), relacionamento mente-cérebro, continuidade da personalidade após a morte e outros temas análogos. Dedicou, praticamente toda a vida acadêmica, à investigação científica da reencarnação.

Stevenson, no entanto, não foi o pioneiro nesses assuntos. Antes dele, Albert de Rochas, pesquisador francês, dedicou anos de pesquisa sobre a ciência psíquica. Ele era chamado de “pesquisador da alma”.

Mediante os métodos de regressão de memória e de hipnotismo, De Rochas publicou diversos tratados sobre o assunto, muitos deles confirmados pela pesquisa histórica possível.

Após o primeiro ensaio de Ian Stevenson sobre a reencarnação, Chester Carlson, o inventor da fotocópia, custeou as próprias primeiras visitas de campo à Índia e ao Sri Lanka em 1966.

Antes de desencarnar em 1968, Carlson destinou um milhão de dólares para manter uma cadeira na Universidade da Virgínia e um milhão de dólares para Stevenson, com o objetivo de que este não cessasse as pesquisas sobre a reencarnação, do que ele, Carlson, mantinha fortes convicções.

Stevenson continuou as pesquisas de campo na África, no Alasca, na Colúmbia Britânica, na América do Sul, na Líbia, na Turquia e outros países. O trabalho de pesquisas dele se concentrava, principalmente, na análise com crianças com uma idade entre dois a quatro anos. Nos respectivos relatos, muitos mencionam, frequentemente, terem morrido de forma violenta, porquanto, além disso, as lembranças de como haviam morrido eram aparentemente claras.

Stevenson também reuniu testemunhos e registros médicos que continham informações a respeito de sinais de nascença (conhecidos como “birth mark”, ou seja, em português, marcas de nascença) e outras evidências físicas de reencarnação. Essas marcas podem ser registros físicos – como cicatrizes ou defeitos congênitos – e/ou, principalmente, características de personalidade ou psicológicas.

A pesquisa de Stevenson com mais de 2700 estudos de casos, sempre observando os métodos científicos, fornece evidências discutidas por ele mesmo, apoiando a possibilidade da reencarnação, apesar dele ter sido sempre muito cauteloso ao se referir a elas como “casos sugestivos de reencarnação” ou “casos do tipo de reencarnações”.

Doutor Ian Stevenson desencarnou em 2007 e deixou um grande legado, principalmente nos variados artigos e inúmeras obras. Os continuadores dele são os pesquisadores doutor Bruce Greyson e doutor Jim Tucker.

Contemporâneos de Stevenson, os também pesquisadores H.N. Barnejee e o russo Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, também muito contribuíram para a pesquisa sobre a temática da reencarnação, mesmo que o sistema metodológico tradicional crie embaraços para a comprovação dela em confronto com os métodos atuais da Ciência.

Allan Kardec, no entanto, não se embaraçou com essas dificuldades, ponderando que “a reencarnação é uma constante da natureza, onde tudo se renova por meio de metamorfoses evolutivas, desde o reino mineral até o reino hominal”.

A Ciência Espírita, como já dissemos – aquela que rompe o limiar da matéria para penetrar e desvendar a natureza do espírito –, vem contribuir de forma primorosa para a compreensão e o entendimento da reencarnação (aliás, como também já dissemos, o que é um dos princípios fundamentais dela).

Nenhum dos paradigmas espíritas foi até agora devidamente contestado, mas, ao contrário, em grande parte, ratificados pela Ciência.

André Luiz, um dos espíritos que se manifestaram mediante a pena magistral de Francisco Cândido Xavier, traz à luz uma densa e rica obra literária, desvendando e descortinando o mundo espiritual, até então factível

de mistificações e ilusões. Na coleção “A Vida no Mundo Espiritual”, o repórter da espiritualidade, relata do próprio ponto de vista, minuciosos traços desses mundos e, também, dos inúmeros processos de desencarnação e de reencarnação e as variadas correlações (convidamos o leitor a conhecer os livros da referida coleção, para dilatar o entendimento acerca do tema).

Numa dessas obras, o livro “Missionários da Luz” (no capítulo 13, intitulado “Reencarnação”), encontram-se preciosos e minuciosos detalhes da reencarnação de um espírito – do qual o pseudônimo é Sigismundo –, relembrando que “os processos de reencarnação, tanto quanto os da morte física, diferem ao infinito, não existindo dois casos absolutamente iguais”. O caso em questão pertence à enorme classe média dos espíritos que habitam a crosta planetária.

André Luiz nos revela como o espírito passa da dimensão espiritual para a dimensão física.

Não temos, aqui, a pretensão de detalhar um processo tão complexo e dinâmico. Não obstante, sintetizaremos, em poucas palavras, o assunto.

Antes mesmo da fecundação começa o processo de ligação fluídica direta e mental entre o espírito reencarnante e a mãe através de tênues laços psicomagnéticos.

Quando o espermatozóide penetra o óvulo e acontece a fecundação, inicia-se, oficialmente, a reencarnação. O espírito entra em um torpor, espécie de sono profundo, e o corpo espiritual dele se reduz, perdendo alguns elementos espirituais e diminuindo os espaços intramoleculares, tomando, posteriormente, a forma pré-infantil (processo chamado de redução periesperídica). A partir de então, o espírito começa a passar da dimensão espiritual para a dimensão física, ligando-se à matéria – átomo a átomo, molécula a molécula, célula a célula –, imprimindo, na futura argamassa física, os próprios registros mentais e espirituais.

O espírito, durante o período da gestação, associando-se ao material genético disponibilizado pelos pais, vai, inconscientemente, modelando as formas até o nascimento. Os contornos e minúcias anatômicas desenvolvem-se de acordo com os princípios de equilíbrio e de acordo com a lei de hereditariedade.

Segundo André Luiz, “a forma física futura dependerá:

- dos cromossomos maternos e paternos;
- adicionando-se, ainda, a esse fator primordial, da influência dos moldes mentais da mãe;
- da atuação mental do próprio interessado;
- do concurso dos espíritos amigos, que agirão como funcionários da natureza divina”.

Ou seja:

- a herança genética dos pais, que tem uma grande parcela de contribuição na formação do novo corpo;
- a recepção mental da mãe, aceitando o filho com carinho e amor, também auxilia muitíssimo;
- a ajuda mental e inconsciente do próprio reencarnante, desejando a volta ao mundo físico, também é muito importante;
- e, finalmente, à assistência dos espíritos desencarnados, que trabalham como agentes da natureza, acompanhando e auxiliando no maravilhoso e complexo processo da reencarnação.

Após o nascimento, concretiza-se a reencarnação. Os sete primeiros anos são muito importantes para a formação física e, principalmente, para a formatação dos caracteres e da personalidade do espírito, mediante a

educação, a dedicação, o carinho e os bons exemplos dos pais, tudo isso se complementando e dando acabamento ao maravilhoso e divino processo da vida.

Durante ainda os sete primeiros anos, o espírito protetor – conforme sugere o mesmo autor espiritual supracitado – está quase que integralmente auxiliando e acompanhando o processo. Em torno dos treze aos dos quinze anos de idade se completa a reencarnação de plena forma, ou seja, o espírito, então, adquire total domínio sobre a estrutura somática, dando, assim, plena vazão ao próprio psiquismo dele.

Como podemos notar, a reencarnação envolve diversos e complexos mecanismos, além da participação de outros espíritos, encarnados e desencarnados.

É importantíssimo que saibamos disso, para que, de alguma sorte, possamos dar o real valor à vida que possuímos: ao corpo físico, à saúde mental e à saúde emocional, às capacidades e aos dons, à família, às missões e às provas pelas quais temos que passar.

Toda reencarnação tem por objetivo fundamental o bem e ascensão do espírito. Ninguém vem à Terra para fracassar. Até os mais endividados, sempre encontrão recursos suficientes para evoluir e melhorar sempre.

---

38 O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec; capítulo 1.

39 O Consolador, Emmanuel; questões 56 e 57.

40 Chico Xavier com Você, Carlos Baccelli.

41 Revista Espírita, Allan Kardec; março de 1867.

42 Frase atribuída a Johann Volfgang Von Goethe, gravada na lápide do túmulo de Allan Kardec, no cemitério Père-Lachaise, em Paris.

43 Mateus 17, 10-13; Marcos 9, 11-13.

44 João 3, 1-12.

45 Mateus 16, 13-17; Marcos 8, 27-30.

46 Jeremias 1, 5.

47 O Espírito e o Tempo, José Herculano Pires.

48 A Gênese, Allan Kardec.

49 A História do Espiritismo, Arthur Conan Doyle, capítulo XVII.

50 A História do Espiritismo, Arthur Conan Doyle, capítulo XVII.

TODA

REENCARNAÇÃO

TEM POR

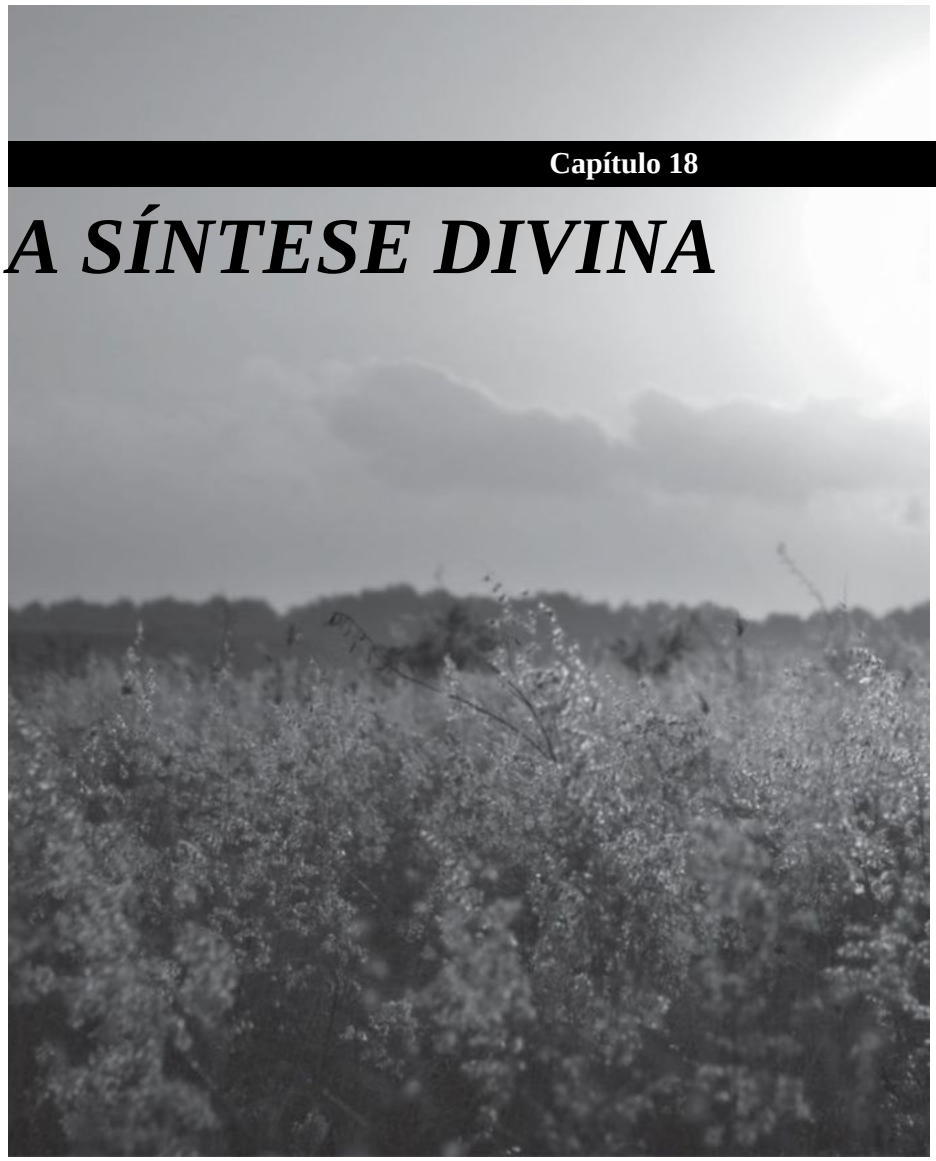
OBJETIVO

FUNDAMENTAL

O BEM E A

ASCENSÃO DO

ESPÍRITO



Capítulo 18

A SÍNTESE DIVINA



Buscando a compreensão do intrigado processo da evolução, sugerido e abordado por diversas escolas filosóficas, científicas e até religiosas, é que começamos a entender e a aceitar a morte – de uma forma intuitiva e racional – como um processo comum e natural.

Desde os primórdios, o espírito, na sua forma mais primitiva e rudimentar, vem experimentando milhões e milhões de séculos de trajetória evolutiva até começar a emitir ondas de pensamento. Transitando pelo reino mineral, estagiando no reino vegetal, individualizando-se no reino animal e racionalizando-se nos seres humanos, o espírito, de encarnação em encarnação, erros e acertos, projeta-se na grande síntese divina: a evolução.

As leis naturais, aplicadas e associadas a um intrigante mecanismo de parceria com os espíritos sublimes, trabalham de forma paciente e generosa para a ascensão de todos. Desde os mais imperfeitos, primitivos ou criminosos contumazes, até os mais evoluídos e espiritualizados, essa síntese – que também podemos chamar de misericórdia divina – envolve de forma indiscriminada a todos os filhos da consciência cósmica.

A morte nada mais é do que um simples processo da complexa rede de mecanismos que nos projeta à ascensão. Nos reinos inferiores das formas rudimentares, ela acontece a todo momento e a todo instante de maneira simples e automática. Nos seres humanos ela recebe uma conotação dramática, justamente porque o desenvolvimento da razão e a projeção dos instintos e dos sentimentos nos colocam em outra faixa de desenvolvimento. A insensatez, o orgulho, o egoísmo e o crime nos distanciam temporariamente de nossa própria realidade subjetiva.

Desprendendo-nos dessas amarras primitivas e assumindo nosso papel de responsabilidade, compreendemos que somos parte integrante e

importante do universo e que todas as nossas ações repercutem de alguma sorte sobre os nossos semelhantes e, principalmente, sobre nós mesmos.

Nessa espiral divina caminhamos, estágio a estágio, sob as bênções do Criador e as benesses dos prepostos dele, até que, um dia, dentro dessa magistral engenharia, conquistemos, com os nossos próprios méritos, a plenitude do nosso ser.

Morte? O que é a morte, se somos imortais?!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



DOYLE, Arthur Conan; A História do Espiritismo, Editora Pensamento.

KARDEC, Allan; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Editora IDE, 349ª edição, março de 2011.

_____A Gênese, Editora FEB, 45ª edição, setembro de 2009.

_____O Livro dos Espíritos, Editora IDE, 182ª edição, abril de 2009.

_____O Livro dos Médiuns, Editora FEB, 71ª edição, janeiro de 2003.

PEREIRA, Yvonne A.; Memórias de um Suicida, Editora FEB, 45ª edição, fevereiro de 1996.

PIRES, José Herculano; O Espírito e o Tempo, Editora Paideia, 10ª edição, agosto de 2009.

SIMONETTI, Richard; Quem tem medo da morte?, Editora CEAC, 4ª edição, julho de 2004.

XAVIER, Francisco Cândido (médium), André Luiz (espírito); Entre a Terra e o Céu, Editora FEB, 13ª edição, março de 1990.

_____Missionários da Luz, Editora FEB, 24ª edição, abril de 1993.

_____Nosso Lar, Editora FEB, 45ª edição, fevereiro de 1996.

XAVIER, Francisco Cândido (médium), Emmanuel (espírito), O Consolador, Editora FEB, 14ª edição, setembro de 1988.

_____Palavras de Vida Eterna, Editora FEB.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Valdo (médium), André Luiz (espírito); Evolução em Dois Mundos, Editora FEB, 23ª edição, maio de 2005.